

REVISTA

PORQUE AMAMOS
LIVROS

conexão

Literatura

Março/2021

nº 69

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br



MARÍLIA ARNAUD

AUTORA DE O PÁSSARO SECRETO, OBRA VENCEDORA
DA 5ª EDIÇÃO DO PRÊMIO KINDLE DE LITERATURA



E MAIS
ENTREVISTAS COM ESCRITORES
CONTOS, CRÔNICAS E DICAS DE LIVROS

SUMÁRIO

MARÇO DE 2021

Entrevista com a escritora Marília Arnaud, por Ademir Pascale, pág. 05
A Tábua da Salvação - Português Amoroso, por Mayanna Velame, pág. 10
Dicas de livros, pág. 12
Poesias, por Flávio Vidigal Guimarães, pág. 13
Crônica: O Cavaleiro de Aruanda, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 17
Literatura: Romance: A música do seu coração - Cap. 13: Sei que posso chorar, por Raimundo Colares Ribeiro, pág. 22
Poemas, por Carolina Miranda do Espírito Santo, pág. 27
Olympe de Gouges: A mulher que escreveu a declaração dos direitos da mulher e da cidadã, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 30
Entrevista com o autor Antony José, pág. 35
Entrevista com o autor Arthur Haroyan, pág. 38
Entrevista com a autora Marina Solé Pagot, pág. 41
Entrevista com o autor Naican Escobar, pág. 45
Entrevista com a autora Natália Gabriela Boratti, pág. 48
Entrevista com o autor Paulinho Vergueiro, pág. 51
Conto: "Menino", por Roberto Schima, pág. 56
Conto: "A Verdade", por Liana Zilber Vivekananda, pág. 70
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 74

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

www.revistaconexaoliteratura.com.br

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



ademirpascale



EDITORIAL

Chegamos em março com mais uma edição especial para os leitores apaixonados por livros. Desta vez destacamos em nossa capa a escritora Marília Arnaud, autora de *O Pássaro Secreto*, obra vencedora da 5ª edição do prêmio Kindle de Literatura. Confira nas próximas páginas a entrevista exclusiva que fizemos com a Marília.

O leitor também poderá conferir dicas de livros, crônicas, contos, poemas, entrevistas e dicas para participação em antologias de contos e poemas.

Para saber como participar da nossa edição de abril, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!

— revista —
conexão
LITERATURA

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Editor-chefe



**“NÃO SE SATISFAÇAM COM O TEXTO QUE LHES VEM À MENTE DE PRIMEIRA;
ESCREVAM, REESCREVAM E TORNEM A REESCREVER. TUDO PODE SER
MELHORADO COM TRABALHO E PERSISTÊNCIA.”**

- MARÍLIA ARNAUD



MARÍLIA ARNAUD - FOTO DIVULGAÇÃO

ENTREVISTA COM MARÍLIA ARNAUD, AUTORA DE O PÁSSARO SECRETO, OBRA VENCEDORA DA 5ª EDIÇÃO DO PRÊMIO KINDLE DE LITERATURA

A contista e romancista **Marília Arnaud** é paraibana de Campina Grande, e vive em João Pessoa. Funcionária pública federal, atua como “analista judiciário” no TRT da 13ª Região. Publicou quatro livros de contos, entre eles, *A menina de Cipango* (Prêmio José Vieira de Melo – Secretaria de Cultura do Estado da Paraíba - 1994), *Os campos noturnos do coração* (Prêmio Novos Autores Paraibanos - UFPB, 1997) e *O livro dos afetos* (7letras, 2005), além de dois romances, *Suíte de Silêncios* (Rocco, 2012) e *Liturgia do fim* (Tordesilhas, 2016), e um infantil, *Salomão, o elefante* (Selo Off Flip, 2013).

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início literário?

Marília Arnaud: A minha intimidade com a palavra vem da infância. Aos nove anos já inventava umas histórias românticas e de aventuras, que levava para a escola e lia para as

colegas no horário do recreio. Essas histórias deviam ser uma miscelânea de tudo o que eu lia, combinada a um tanto de imaginação, e eu lia o que me caísse sob os olhos, tanto os livros exigidos pela escola, quanto os que o meu pai tinha em casa, e eram muitos. Mais tarde, ao entrar na universidade, passei a escrever crônicas para jornais da minha cidade. Nessa mesma época, tive meus primeiros contos premiados em concursos literários locais, e foi a partir daí que me veio o desejo de publicar o primeiro livro (contos), uma produção independente do final da década de 80, a que costumo chamar de acidente editorial de percurso. Os dois livros seguintes, também de contos, foram publicados através de concursos literários no meu Estado (Paraíba) e, desde então, não parei mais.

Conexão Literatura: Você é autora de “O pássaro secreto”, obra vencedora da 5ª edição do Prêmio Kindle de Literatura e que esteve entre milhares de inscritos. Poderia comentar?

Marília Arnaud: A possibilidade de autopublicar “O pássaro secreto” me surgiu num momento de muitas dificuldades, não somente por estarmos vivenciando uma pandemia, mas, principalmente, pelo fato de o mercado editorial convencional se encontrar em baixa. Ao publicá-lo na ferramenta KDP da Amazon Brasil, um processo relativamente simples e sem qualquer custo para o autor, não podia imaginar que o romance pudesse chegar até aqui. Eram mais de 2.400 obras inscritas, e lá estavam autores por quem eu nutria admiração. Naturalmente, em meu coração enterrou-se uma semente de esperança. Então, chegamos aos finalistas, e esse susto maravilhoso fez com que a minha esperança vicejasse. Pensei, então, que o voo do meu “Pássaro” até a final já merecia celebração, uma vez que vinha respaldado pela leitura de pessoas competentes, que por certo haviam sido atingidas emocionalmente pela narrativa da Aglaia, a protagonista do romance. E, por fim, o Prêmio Kindle me chegou com o aval de jurados respeitáveis, trazendo-me a maior das alegrias em muitos anos de escritura e aprendizado.

Conexão Literatura: Já tiveram início os trâmites com a Amazon, o Grupo Editorial Record e a TAG Experiências Literárias?

Marília Arnaud: Tenho estado em contato permanente com a Amazon e, mais recentemente, com a TAG Experiências Literárias. Ainda não fui contatada pela Editora Record.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para construir a obra?

Marília Arnaud: “O pássaro secreto” levou mais de dois anos para ser concluído. A princípio, eu tinha apenas um conto, que fora publicado há muitos anos, e cuja protagonista não largava de mim. Em 2017, a partir desse conto, apresentei um projeto de escritura de um livro juvenil para um centro de artes na França e, tendo sido aprovado, escrevi grande parte do livro original durante a residência literária. Porém, tendo

retornado ao Brasil, a protagonista da história continuou me perseguindo, narrando-se em mim de uma forma muito mais profunda, perturbadora, desconcertante. Constatei, então, que essa Aglaia não cabia num livro juvenil, e retomei a escritura do livro, desta vez, atendendo à sua voz, à forma como ela exigia ser narrada. Meu processo de criação é muito intuitivo, tanto que não fiz nenhuma pesquisa no que se refere à construção da personalidade da protagonista. Refém de uma fragilidade psíquica que a faz se sentir estrangeira entre os seus, Aglaia se mostra uma garota terrivelmente solitária, e, encerrada em um mundo de fantasias, enriquecido pelos livros que lia, especialmente, as tragédias shakespearianas, ela é capaz de ultrapassar limites éticos, tomando um caminho sem volta, um caminho que a conduz à própria tragédia. O certo é que as minhas pesquisas se restringiram à forma como se davam as internações em clínicas psiquiátricas nos anos noventa, aos tipos de pacientes que eram aí encontrados, ansiosos, depressivos, fóbicos, psicóticos etc.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Marília Arnaud: “Subitamente, gritou venha aqui, Marrã, rápido! Corri para junto dela. Ajoelhada ao lado de uma espécie de lírio, as mãos metidas na terra, vovó cavava, e cavava, febrilmente, enquanto seguia repetindo ouça, Marrã, há algo lá embaixo, ouça. Afundei num pântano de assombro, lutando por não ver o que ia despontando sob a terra revirada, penas, penas e mais penas negras, e a minha avó murmurava oh, Deus!, oh, Deus!, está vivo, ainda está vivo, e eu virei o rosto para me livrar da visão que me tirava o ar, mas vovó puxou-me pelo tornozelo e me fez agachar ao seu lado, e agora a extremidade de um bico a florava entre as suas mãos, e ela martelava ainda ouça, Marrã, ouça, e nesse instante eu ouvi, oh, eu ouvi, o ronco lancinante do ser que a minha avó teimava em trazer à luz.”

Conexão Literatura: Quais dicas daria aos autores em início de carreira e que desejam vencer um concurso literário?

Marília Arnaud: Não se satisfaçam com o texto que lhes vem à mente de primeira; escrevam, reescrevam e tornem a reescrever. Tudo pode ser melhorado com trabalho e persistência. Revisem a ortografia; qualquer erro, mesmo o mais inocente, pode fazer com que o leitor/jurado vire o rosto para o seu livro. Se possível, peçam a alguém da área literária que faça uma leitura dos seus textos, e lhes aponte as falhas que podem ser trabalhadas. Não tenham pressa. Por último, leiam! Leiam a boa literatura, aquela que faz o leitor parar e respirar fundo, extasiado de emoção, que o carrega para dentro da narrativa, fazendo-o viver com os personagens toda a riqueza que há ali.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e seu trabalho literário?

Marília Arnaud: Para os leitores de e-books, “O pássaro secreto” está à venda no site da Amazon por apenas R\$ 19,90. Para aqueles que ainda não conseguem fazer esse tipo de leitura, o romance sairá impresso em maio próximo pela TAG Experiências Literárias (para assinantes) e, em breve, pela Editora Record.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Marília Arnaud: Sim, estou reescrevendo um novo romance, ainda sem título, que comecei em outubro do ano passado.

Conexão Literatura – Perguntas rápidas:

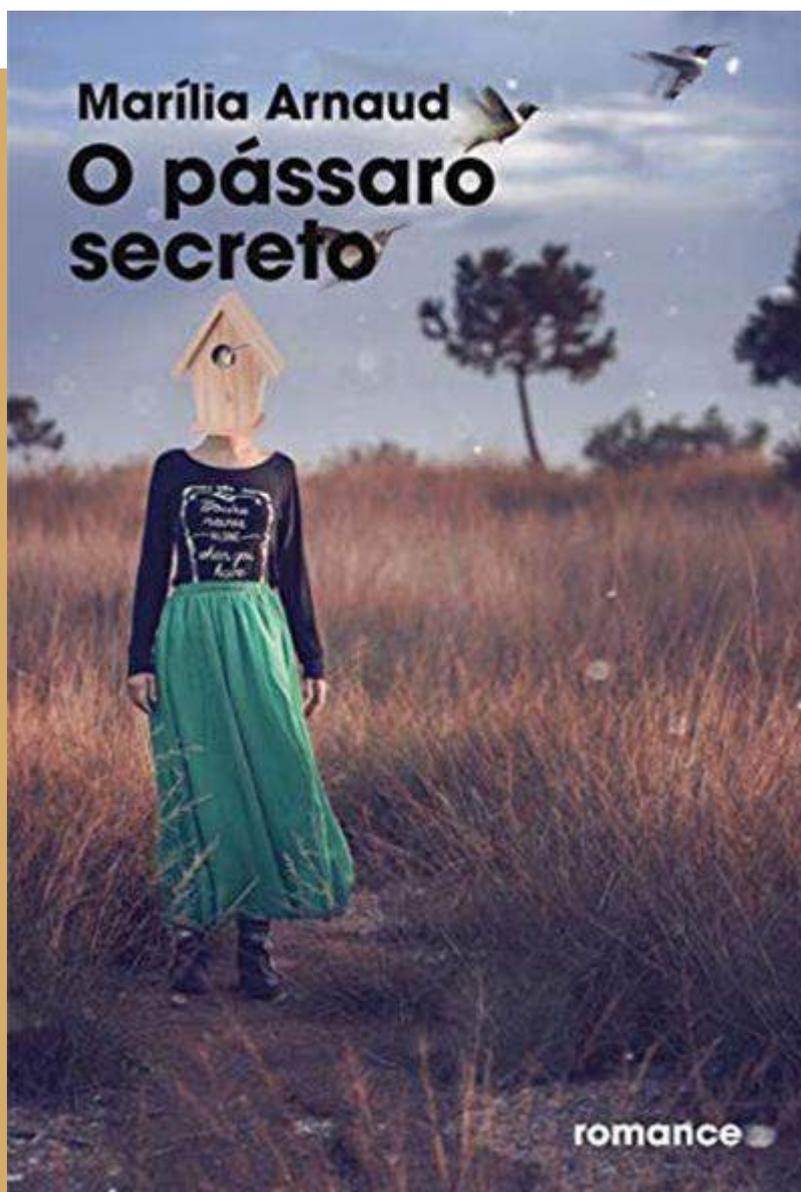
Um livro: As ondas, de Virginia Woolf

Um autor(a): Sándor Márai

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Um estranho no ninho, de Milos Forman

Um dia especial: o dia de nascimento da minha filha



CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES



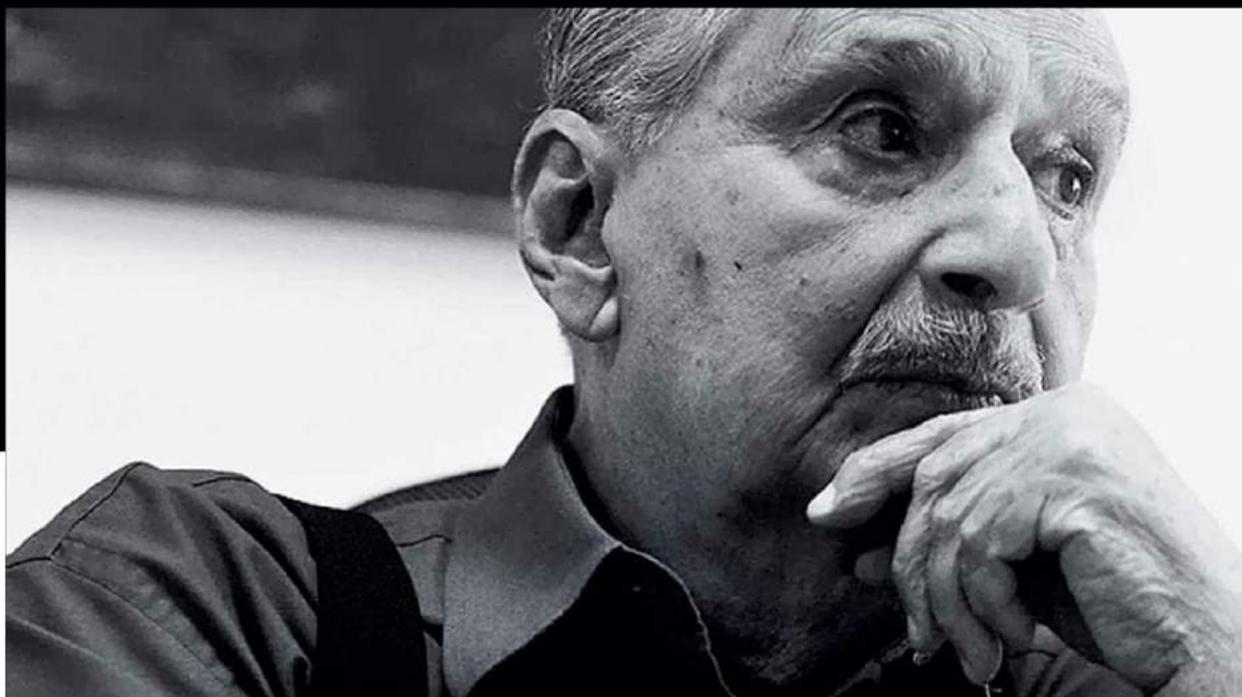
Acesse o nosso site e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Facebook: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura



CARLOS HEITOR CONY- FOTO DIVULGAÇÃO

A TÁBUA DE SALVAÇÃO

PORTUGUÊS AMOROSO

Por Mayanna Velame

Passeava os dedos entre as lombadas dos livros. A maioria deles esquecidos e empoeirados. O tempo era árduo, uma crise juvenil abatia uma moça de dezoito anos, desnorreada após concluir o colegial. Na ânsia de preencher as lacunas do seu ser, encontrou num livro intitulado “*Matéria de Memória*” de Carlos Heitor Cony, a sua tábua de salvação. Foi amor literário à primeira vista.

Cony foi a sua redenção, achou nas suas obras, nas suas palavras e nos seus personagens, um pouco de si e do mundo que estava lá fora. A jovem cresceu, rabisca e rascunha crônicas, contos e alguns devaneios. O fato é que Cony se tornou seu autor predileto e fundamental. Impossível não admirar suas narrativas, torneadas pelo sarcasmo e ironia, mas também pigmentadas magistralmente pelo seu indescritível lirismo.

Faz quase vinte anos que meus olhos navegaram em “*Matéria de Memória*” e depois deste romance, muitos outros repousaram em mim. Conheci neste autor, uma nova forma de descortinar a existência, os colapsos humanos, os amores malogrados e a solidão.

O Cony cronista, romancista e contista é imortal, não apenas por ter sido eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 2000. Sua imortalidade está inscrita nas páginas que recontam um pouco da vida de cada um de nós.

A Literatura Brasileira perdeu um dos seus principais expoentes, mas seu legado é maior do que qualquer ausência. O estado do Rio de Janeiro, núcleo de seus enredos na maioria

das vezes, torna-se pequeno, para aqueles que se aventuram nas entrelinhas da imaginação.

Soube de seu falecimento, através da mensagem de um amigo, numa manhã ensolarada. No fim da tarde, resolvi caminhar na praia. A brisa, mansamente acariciava meus cabelos e as ondas espumantes beijavam meus pés nus. Durante alguns minutos, cerrei meus olhos e num momento de certa epifania, lembrei-me da metáfora perfeita, em que Cony, singularmente traduziu o mar, em uma de suas histórias...

“O mar, ferida aberta, sangrando azul, lá no fim da rua.”

(Cony, Tijolo de Segurança, 1960)

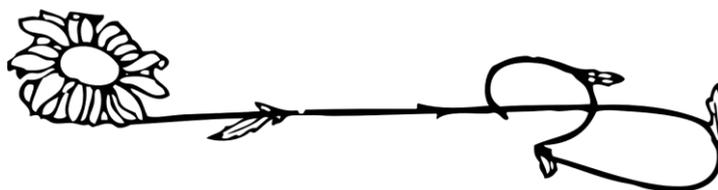
Português Amoroso XCVI

Cony,

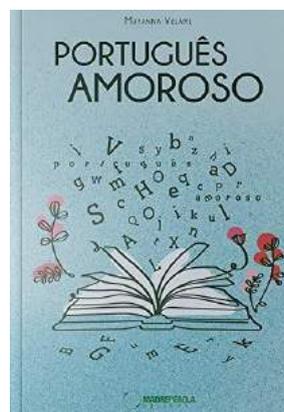
A casa do poeta trágico

está de portas abertas

para receber tuas palavras!



Mayanna Velame nasceu em Manaus em 1983. É formada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas, apaixonada pela língua portuguesa e uma professora querida por seus alunos. Escreve periodicamente contos, crônicas e poemas. O nome desta coluna, Português Amoroso, também é o título do seu primeiro livro de poesia, lançado neste 2020 pela Editora Madrepérola. Siga Mayanna Velame no



Instagram e Facebook no @portugues_amoroso.

DICAS PARA LEITURA



Histórias para ler e morrer de Medo - Volume III
Ademir Pascale (org.)

[Acesse](#)



Poesias ao Luar
Ademir Pascale (org.)

[Acesse](#)



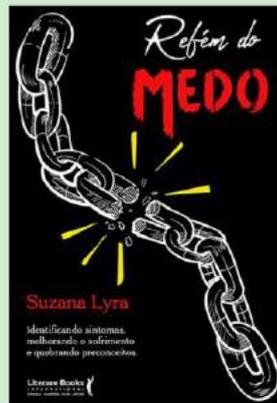
O Legado de Florbela Espanca
Ademir Pascale (org.)

[Acesse](#)



Sonhos Poéticos
Elenir Alves (org.)

[Acesse](#)



Refém do Medo
Suzana Lyra

[Acesse](#)



O Pássaro Secreto
Marília Arnaud

[Acesse](#)

*“Sonhar é uma das melhores coisas da vida,
mas o melhor mesmo é acordar e lutar por cada
um de nossos sonhos!”
– Ademir Pascale*



POESIA: VOO NAS PLANÍCIES
Por Flávio Vidigal Guimarães

Este voo...

Foi azular nos céus

Das letras...

Sobrevoando as

Regiões das planícies

Literárias.



POESIA: VOO DA INTENSIDADE
Por Flávio Vidigal Guimarães

Decolou agora...

Ao céu do imprevisível...

Neste voo do intenso

Impulso...

Risível em

Meditações

visíveis.

POESIA: VOO CANTANTE

Por Flávio Vidigal Guimarães

**Sobrevoando o céu
Cantante...**

**Alguém medita
os sons da tarde...**

**Sobre as nuvens das
Transcendências.**



Flávio Vidigal Guimarães, nascido em Belém do Pará, em 19 de outubro de 1963. Tem formação em educador Social na Escola de Artes do Boi Bumba Caprichoso de Parintins, AM, onde trabalhou muitos anos. Também nos anos das décadas de 2000, exerceu trabalho voluntário como auxiliar nas Bibliotecas de escolas Estaduais em Parintins, na Biblioteca da Universidade Federal do Amazonas de Parintins. Foi colaborador colunista no antigo Jornal “ Novo Horizonte “ da Diocese de Parintins. Sistema Alvorada de Comunicação.

Morou na cidade de Macapá, onde trabalhou na divulgação da literatura do Amapá no Facebook Em 2016 até 2019. Atualmente, devido a problemas de saúde e de deficiência auditiva, aposentou se e se dedica a escrever no Facebook e Instragram. Mora novamente em Parintins. Seu texto prima pelo uso das figuras de linguagens e das imagens de suas esculturas de papel Cartão com o uso de aplicativo de foto de celular.

Os textos de poesias acima, são dos anos de 2016, 2017. Macapá no Amapá.



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**Divulgue
o seu
livro**



**PACOTE DIVULGAÇÃO
PARA AUTORES**

POR APENAS

R\$100

O pacote inclui entrevista com o autor(a), divulgação nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram e publicação na revista literária e digital Conexão Literatura

Bônus:

Você ainda ganha a publicação do release no site da revista



agilidade



público-alvo



apareça



novas ideias

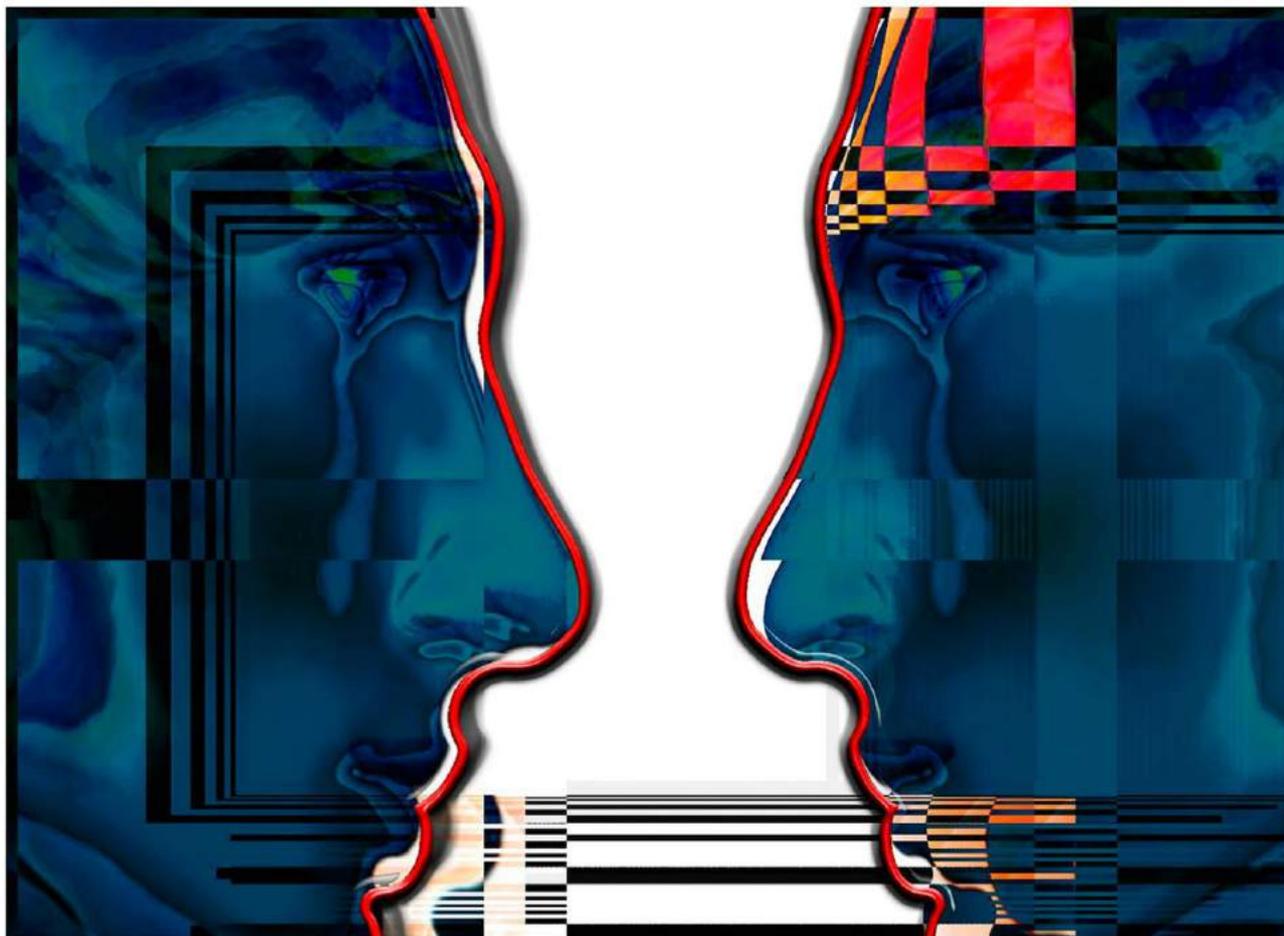
DESTAQUE O SEU LIVRO

Somos especialistas em divulgação de livros e autores. Conheça o Pacote Divulgação Para Autores e veja o custo/benefício em divulgar o seu livro conosco.

SAIBA MAIS. ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Ou escreva para: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale



O CAVALEIRO DE ARUANDA

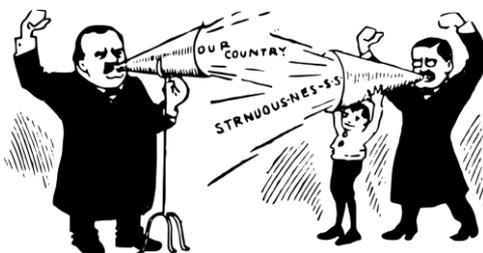
POR GILMAR DUARTE ROCHA

Crônica

Eleições no interior do Brasil sempre foram motivo de festa, júbilo e acontecimentos insólitos. Um sufrágio, em especial, ficou marcado na minha memória, mais especificamente o pleito que elegeria prefeito e vereadores no ano de 1976, na fase em que a ditadura militar migrava da condição de escancarada para envergonhada.

A redentora, como Jorge Amado rotulava o regime de exceção, financiava as candidaturas dos representantes à Câmara Federal de sua preferência e nomeava — com caneta e carimbo de chumbo — os senadores, governadores de estado, prefeitos de capitais e todos os cargos que exercessem algum tipo de influência no âmbito federativo.

Mas os cargos da alçada municipal, prefeito e vereador de cidades do interior, a escolha ainda era permitida ao populacho por meio de voto em gigantesca cédula de papel.



No ano de 1976, em Jequié, Bahia, menino ainda, já caminhando para a adolescência, mesmo sem ter idade para sufragar, eu me interessava em demasia pelo processo eleitoral do lugar — embora desconhecesse por completo a situação política do Brasil — e decorava o nome de todos os candidatos a vereadores, até porque alguns deles era o meu professor no ginásio ou um bêbado inveterado do nosso bairro.

Aconteceu que, naquele ano, um político extremamente popular e exótico em demasia, de nome Landulfo Caribé, que concluía o seu primeiro mandato de prefeito na gestão 1972-1976, e que não poderia, por lei, concorrer à reeleição, resolveu que não abriria mão de uma posição de destaque na esfera municipal e se candidatou a vereador.

Aí é que entra na história o seu famoso slogan “Quem é o cavaleiro de vem lá de Aruanda? É Caribé em seu cavalo com o seu chapéu de banda...”, a rigor, uma paródia política de uma música de sucesso da época, interpretada pelo cantor Ronnie Von. O bordão fez tanto sucesso na cidade, até mais do que a própria canção original, que o controverso político passou a ser conhecido pela alcunha de “Cavaleiro de Aruanda”, principalmente entre a criançada e os matutos de miolo mole.

Caribé, a rigor, tinha uma excelente condição financeira; era latifundiário e criava em suas terras cavalos de raça, alguns de linhagem importada, e um alazão, em especial, cujo nome não me lembro, tinha mais fama do que muito político da cidade. A paixão de Caribé por equinos era tanta que, durante a primeira gestão de quatro anos como prefeito, construiu mais de cinquenta (isso mesmo que escrevo), mais de cinquenta estátuas de seus cavalos, espalhadas em ruas e praças da cidade. Só do alazão preferido dizia-se que havia mais de meia dúzia delas. Uma, em especial, foi erguida solitariamente no meio de um mangue que separava a cidade de uma espécie de fazenda de cultivo de arroz ou outra cultura similar.

Não obstante as excentricidades do alcaide, que não construiu nada de relevante na cidade durante o seu primeiro mandato, ele era dono de um carisma incomparável. Andava com o riso estampado perenemente na face; os olhos claros transferindo empatia o tempo todo; e a uma boa prosa com qualquer pessoa que cruzasse em seu caminho, inclusive um certo estudante tímido, que ele detinha uma atenção especial: “Garoto de futuro, garoto de futuro”; dizia isso sempre toda vez que se batia comigo na rua e me dava tapinhas na cabeça ou nos meus ombros.

Voltando à campanha para vereador, onde ele teve que passar a titularidade da prefeitura para o vice-prefeito, Caribé aboliu de vez o uso de carro e percorria todo o município a pé ou montado no seu alazão durante os meses de cruzada, sempre proferindo palavras de glória, de redenção e de dias melhores para os cidadãos.

Chegou, por fim, 15 de novembro, o dia da eleição, e o codinome “Cavaleiro de Aruanda” não saía da boca do povo. Lembro-me que, de manhã cedo, meu pai perguntou a um bêbado de plantão, de nome Balbino, em quem ele iria votar. O sujeito, já acedendo à álcool antes mesmo do despontar do sol no horizonte, respondeu:

— Para prefeito, Daniel Andrade. Para vereador, o Cavaleiro de Aruanda.

Meu pai concordou com a preferência do ébrio eleitor e o recomendou que ele fosse logo votar, enquanto o cidadão ainda tinha condições físicas e mentais para entrar na seção eleitoral.

Nesses dias de eleições, eu e outros jovens do bairro íamos para o centro da cidade observar o movimento das pessoas; o vai e vem dos cabos eleitorais distribuindo santinhos, sujando as ruas e gritando o nome dos seus padrinhos; muita música no coreto e muita gente rolando nas calçadas, nos chafarizes e nos gramados. Era uma farra só.

A partir da hora do encerramento das urnas, nós todos lá de casa ficávamos no pé do rádio, sintonizados na única emissora da cidade, ouvindo os votos (para prefeito e vereador) contabilizados após o fechamento de cada seção.

Geralmente, nós conhecíamos os vencedores no segundo ou terceiro dia de eleição, no máximo. No terceiro dia, já se sabia que Daniel Andrade havia sido eleito prefeito pela ARENA, partido que representava o lado político e formal do governo de exceção. Mas, vereadores, na relação dos doze vereadores à época, o nome de Caribé aparecia, até o último dia de contagem, na vigésima posição ou algo parecido.

De repente, a cidade entrou em burburinho. Haveria Caribé perdido o seu prestígio assim como num passe de mágica? Houve fraude no processo de apuração? O seu eleitorado fiel o traiu em troca de alguma propina?

A confusão se estabeleceu em frente à Central de Apurações do TRE local, que ficava em frente ao principal ginásio da cidade. Para atenuar o burburinho e esclarecer de vez o motivo da confusão, o presidente do TRE local, o emérito professor Luís Cotrim, veio com uma cédula em branco nas mãos e a exibiu para os protestantes:

— Estão vendo a cédula de votação aqui: depois dos cargos majoritários, onde deve-se marcar um X no quadrinho ao lado do nome do candidato, existem três linhas para escrever o nome do candidato à deputado federal; à deputado estadual e para vereador, a última linha aqui.

Cotrim, extremamente irritado e vermelho como uma brasa, apontando o dedo repetidamente em cima da última linha, frisando:

— Nesta linha deve-se escrever o nome e o sobrenome do candidato a vereador, nome este que foi homologado pelo próprio candidato junto ao TRE há mais de três meses.

— E o Cavaleiro de Aruanda? — perguntou um gaiato no meio do turba.

— Você se refere a Landulfo Caribé? O ex-prefeito? Ele homologou os nomes LANDULFO CARIBÉ e CARIBÉ e essas duas graças, escritos e rabiscados nas cédulas de votação, cambada de analfabetos, recebeu apenas 430 votos.

Aí a confusão aumentou. Alguns queriam esganar o colérico professor de português; os partidários de Caribé trocavam tapas entre eles, porque alguns focaram a

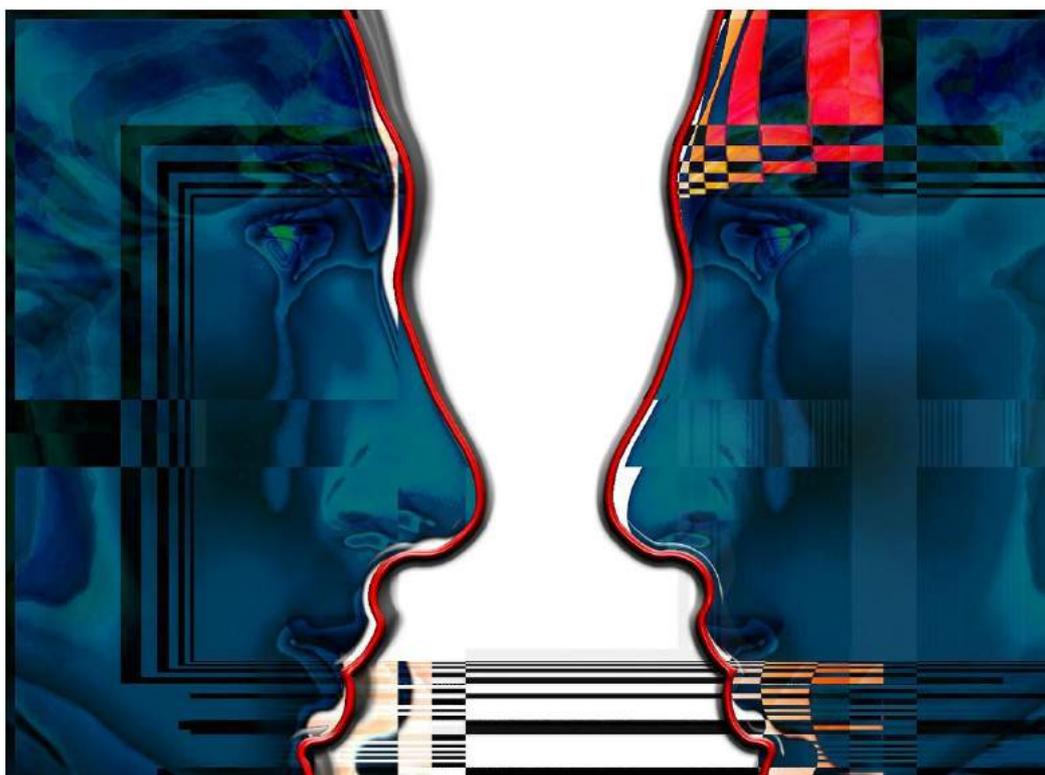
propaganda em cima da alcunha do prefeito, esquecendo-se que a eleição não era para cargo majoritário, prefeito no caso.

Uma semana depois de muita confusão; recurso judicial impetrado; recurso negado, Caribé perdeu definitivamente a sua garantida cadeira no Paço Municipal.

Mas o nome dele não foi esquecido e ele passou os quatro anos seguintes em campanha eterna. Quatro depois, quando eu já estava em Salvador disputando uma vaga na universidade, fiquei sabendo que ele fora eleito prefeito para a gestão 1980-1984, com larga margem de voto. Com o mesmo hino de campanha, com o mesmo riso aberto estampado na face e o mesmo chapéu branco plantado de banda na cabeça.

Ah! Querem saber quantos o “Cavaleiro de Aruanda”, ou algo escrito de forma parecida, recebeu no pleito de 76?

10.455 votos.



Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.

Como publicar

Conforme as informações no site kdp.amazon.com

1. Prepare seu manuscrito e sua capa.
Confira nossas ferramentas e recursos.



2. Certifique-se de que seu livro atende a nossas diretrizes de conteúdo e qualidade.

3. Use sua conta Amazon para fazer login no KDP ou crie uma nova.



4. Acesse sua Biblioteca do KDP.
Na seção "Criar um novo livro"
clique em +eBook Kindle.

5. Insira suas informações para cada seção:

Detalhes do eBook Kindle.

Insira o título, descrição, palavras-chave, categorias etc.

Conteúdo do eBook Kindle.

Faça o upload do manuscrito e da capa.
Pré-visualize seu eBook.

Preço do eBook Kindle.

Escolha os territórios nos quais você detém direitos de distribuição. Escolha um plano de royalties e defina o preço sugerido.

6. Depois de inserir as informações, clique em **Publicar seu eBook Kindle**.

Dicas para começar

Prenda o leitor logo nas primeiras páginas

"A sedução do leitor dependerá delas. Elaborar um início bem escrito e instigante é uma tarefa difícil, mas necessária", diz Mauro Maciel, autor de O memorial do desterro e vencedor da 2ª edição do Prêmio Kindle de Literatura

Revise seu material diversas vezes

"Reescreva. Peça a alguém em quem confia que leia o manuscrito. Preste atenção nos comentários e reescreva mais uma vez", orienta Eliana Cardoso, autora de Dama de paus e vencedora da 3ª edição do Prêmio Kindle de Literatura.

Seja livre para criar

"Não prender-se a alguns padrões pré-determinados pode ser um jeito de imprimir personalidade ao conteúdo produzido", pontua Barbara Nonato, autora de Dias vazios e vencedora da 4ª edição do Prêmio.



ROMANCE

A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO POR RAIMUNDO COLARES RIBEIRO

Capítulo 13: Sei que posso chorar

Literatura

Em 1971, a Banda The Fevers lançou mais um *Long Play* da sua brilhante carreira artística. Entre as músicas do disco, “Eu e o Sol”, um grande sucesso, me faz recordar as manhãs felizes em que vivi com meus pais, em Tefé. Todos os dias, pela manhã, ao abrir o Comércio Agá-Erre, papai sintonizava a Rádio Baré de Manaus, para acompanharmos o programa do radialista Clodoaldo Guerra. Nessa época, o nosso ilustre conterrâneo Raimundo Rocha, principal *crooner* do conjunto musical Os Uirapurus, viajou até Manaus para se apresentar nesse programa matinal, onde artistas do Estado mostravam sua arte. Foi, sem dúvida, uma apresentação impecável, interpretando “Eu e o Sol”. A música é linda. E como todos esperávamos, recebeu elogios exacerbados do apresentador do programa.

– Esta é a rádio que toca A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO. E o melhor som continua: SUN OF JAMAICA com o grupo alemão Goombay Dance Band, animando esta manhã de 31 de dezembro de 1983. Essa música fez muito sucesso em toda a Europa, ficando em primeiro lugar nas paradas da Áustria, Bélgica, Alemanha, Holanda e Espanha. Neste instante, chegando mais um êxito inquestionável, uma canção muito tocada nas festinhas atuais. A composição é de P. Coelho, Pelin e Livi, com interpretação magistral de Sidney Magal. Impressionante como todos sabem a letra e cantam com vontade. Querida assistente, você poderia ler os nove primeiros versos dessa canção?

– Sim. Antes, porém, saibam todos que o nosso locutor tem uma música preferida chamada “A Moça”, que faz parte do repertório do Sidney Magal. Há pouco, confessou-

me que a melodia era muito tocada pelos seus colegas, nas praças de Tefé. Agora, os versos do próximo sucesso:

*Foi surpresa pra mim
Ao ver que mudou teu modo de ser
Ao sentir que teu fogo se apagou
Mas depois entendi
Que tinhas razão
Não se deve forçar não se deve mentir
Ao coração fingindo uma paixão
Sei que posso chorar
Eu me acostumei com tudo que é teu...*

O Marcelo, que indicou a música, encontrava-se nos estúdios da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Afirmou ser prático de embarcação e que conhecia grande parte dos rios da Bacia Amazônica, enumerando entre eles o Juruá, o Purus, o Madeira e o Solimões. A mensagem que encaminhou à coordenação do programa musical estava, assim, redigida:

Show de música, belíssima, nota 1.000!!! Estava de férias na minha cidade natal, onde conheci uma garota linda. Ainda me lembro da primeira vez que a encontrei, acompanhada de uma amiga. Nessa hora, meu coração bateu tão forte e acelerado como nunca havia feito antes. O sol começava a se ocultar no horizonte. Foi demais ficar frente a frente com ela e presenciar o seu sorriso encantador. À noite, nos encontramos na pracinha do lugar. Momento mágico que não consigo esquecer. Embora esse amor não tenha prosperado e ela contraído matrimônio com outro, fico torcendo para que o seu casamento dure para sempre. É isso. Que DEUS abençoe a todos no Ano Novo que se aproxima!!! Feliz 1984!!!

– SEI QUE VOU SOBREVIVER é a música indicada pelo Marcelo. É sucesso? Então toca na Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Amigos, todos nós adoramos essa música, não é mesmo? Seu intérprete caiu na graça do povo, sendo muito querido e admirado. Quem não se lembra do Sidney Magal?

Com sua ficha na mão esquerda, a assistente de locução anunciou: Sidney Magal nasceu na Cidade do Rio de Janeiro. Em 1977, sob produção de Roberto Livi, lançou seu primeiro álbum, com músicas que estouraram em todo o Brasil, entre as quais “Se Te Agarro Com Outro Te Mato”, “Meu Sangue Ferve Por Você”, “Amante Latino”, “Chau, Chau Adeus” e “A Moça”. No ano seguinte, em 1978, entregou mais um LP ao seu público. Nesse álbum, destacou-se a música “Sandra Rosa Madalena”, que se tornou *hit* nacional, sendo muito executada em programas televisivos, como os apresentados por Silvio Santos e Chacrinha. A música SEI QUE VOU SOBREVIVER faz parte do LP “O Amante”, produzido, em 1979, pela gravadora Polydor.

Em ato contínuo à apresentação da música solicitada pelo ouvinte Marcelo, pedi ao sonoplasta que colocasse em execução as músicas, nessa ordem: SEI QUE VOU SOBREVIVER com Sidney Magal; CRY SOFTLY, composição de Tim Norell e Bjorn Hakanson, com a banda Secret Service; e POR MUITAS RAZÕES EU TE QUERO com a dupla Jane & Herondy.

SONOPLASTIA:

Músicas: SEI QUE VOU SOBREVIVER (1), CRY SOFTLY (2) e POR MUITAS RAZÕES EU TE QUERO (3).

– Você está na frequência certa!!! Aqui, todos já perceberam, é só alegria e muita festa com as músicas que continuam fazendo sucesso em todo o País!!! Em fundo musical: POR MUITAS RAZÕES EU TE QUERO, composição de Palito Ortega e Walter José. Informações da nossa assistente de locução dão conta de que a dupla Jane & Heondy vem fazendo sucesso desde a década de 70. Paulistas, os dois se conheceram na Cidade de Curitiba, no Estado do Paraná. A canção “Não Se Vá” é, até o presente momento, o seu maior sucesso. Agora, fique ligado nesta notícia: Produzido em 1980, pelo selo Polydor, o disco “Modern Love”, Volume 2, destaca dez grandes sucessos musicais. Entre eles as canções: “Little Jeanie” (Elton John), “You’re So Good For Me” (Neil Sedaka & Dara Sedaka), “Romance / Give Me a Chance” (Johnny Rivers), “Can’t You Feel My Love” (Matthew Fisher), “We’re Going Out Tonight” (Cameo) e “Inside Of You” (Ray, Goodman & Brown).

.....

– Este é o seu lugar, onde todo mundo está sintonizado!!! SUN OF JAMAICA, com o grupo alemão Goombay Dance Band, agitando a nossa lindíssima Corte do Solimões!!! No quadro QUAL O DISCO QUE VOCÊ MAIS OUVIU NESTE ANO DE 1983?, o nosso ouvinte Armério, morador da Rua Monsenhor Barrat, Centro, indicou o álbum JOVEM GUARDA do “rei” ROBERTO CARLOS, lançado pela gravadora CBS, em 1977. O LP é composto por doze faixas. No Lado A: “Quero Que Vá Tudo Pro Inferno”, “Lobo Mau”, “Coimbra”, “Sorrindo Pra Mim”, “O Feio” e “O Velho Homem do Mar”. No Lado B: “Eu Te Adoro Meu Amor”, “Pega Ladrão”, “Gosto do Jeitinho Dela”, “Escreva Uma Carta Meu Amor”, “Não É Papo Pra Mim” e “Mexerico da Candinha”. Com certeza, é disco de sucesso na carreira vitoriosa do “rei” Roberto Carlos!!!

Mais um cartão de boas festas entregue pelos Correios, que a assistente de locução fez questão de anunciá-lo:

Palavras de aconselhamento como estas devem acompanhar-nos ao longo da nossa existência: O coração alegre aformoseia o rosto, mas pela dor do coração o espírito se abate. O coração do homem planeja o seu caminho, mas o SENHOR lhe dirige os passos. Se existir amor e paz em nossos corações, e a preocupação de

semear o bem, teremos um Natal feliz e um abençoado Ano Novo. Saúde, prosperidade e harmonia em 1984!!!

Essa linda mensagem estava assinada pelo nosso querido ouvinte Breno, residente na Rua São Pedro, no Bairro de Santa Rosa, a quem agradecemos e retribuímos os votos de boas festas.

Em clima de comemoração de final de ano e chegada do Ano Novo, a Rádio e Voz Comercial Agá-Erre destacou e homenageou todos aqueles que contribuíam decisivamente para o desenvolvimento econômico e social da cidade. Entre os mercedores dos aplausos, respeito e admiração dos tefeenses, relacionei em ordem alfabética:

Armazém Andrade; Cartório do 1.º Ofício; Casa Eliane; Casa Santana; Celetramazon; Cosama; Varig/Cruzeiro do Sul Serviços Aéreos; Embratel; Escola Eduardo Ribeiro; Escola Santa Teresa; GTB e Tefé Indústria de Cerâmica e Madeira Ltda.; Laboratório Lacéia; Loja e Drogaria Irmãs Alves; Loja Maçônica Sá Peixoto; Merceria Brasil; Motor Hermano; Motor Monik; Movelaria Ilaney; Posto Petrobras; e Remanso do Boto.

– Daqui a pouco tem mais música e informação na sua Rádio e Voz Comercial Agá-Erre. Todos estamos adorando este grande musical. Na sequência, uma música que mexe com o coração de muitos, inclusive com o meu: O QUE É QUE HÁ? com Fábio Jr. Técnica, por favor, pode liberar a vinheta.

TÉCNICA/VINHETA:

Você está ouvindo A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO, o supermusical de final de ano da Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, neste sábado gostoso, dia 31 de dezembro de 1983!!! Adivinha de quem é o patrocínio? Isso mesmo, chancela total da Organização Comercial Agá-Erre e da Lanchonete Espírito Santo.



***Raimundo Colares Ribeiro** é autor de 16 livros, entre eles “Capitais Brasileiras: Cidades Maravilhosas” e “A Música do Seu Coração”.

As canções aqui mencionadas podem ser ouvidas no canal A MÚSICA DO SEU CORAÇÃO:

<https://www.youtube.com/channel/UChNWlt896004mDu3xGSlhSw>

Revista

PROJETO AUTOESTIMA

WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

PORQUE TER AUTOESTIMA FAZ TODA A DIFERENÇA

A Revista Projeto AutoEstima foi criada em maio de 2020 pela publicitária Elenir Alves. As edições da revista são digitais e a periodicidade é mensal, abordando textos sobre incentivo, motivação, autoajuda, gastronomia, cultura, lazer, cinema, beleza, saúde, psicologia, bem estar e muito mais.

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima.

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves

100%
ENERGIA

NASCIDA PARA O
BEM ESTAR DOS LEITORES

MOTIVAÇÃO

Venha **conhecer**
a **nossa** revista

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

Poemas, por Carolina Miranda do Espírito Santo

Adentro a enfermaria através do corredor amplo
e silencioso e aos poucos vou dando bom dia e a
energia para trabalhar vai aumentando
vejo os olhares preocupados, semblantes perdidos
e orações fortes
a palavra: alta hospitalar
torna o dia mais feliz para aquela tímida senhora
que sem perder tempo coloca seu vestido
mais florido e põe sua alfazema
o beijo da esposa em seu companheiro
de anos, o cuidado ao pentear o cabelo
e o gesto de apertar as mãos ao dormirem
é emocionante
lá vem a copeira com sorriso largo
e voz vibrante: olha o café
este é o início do dia em uma enfermaria

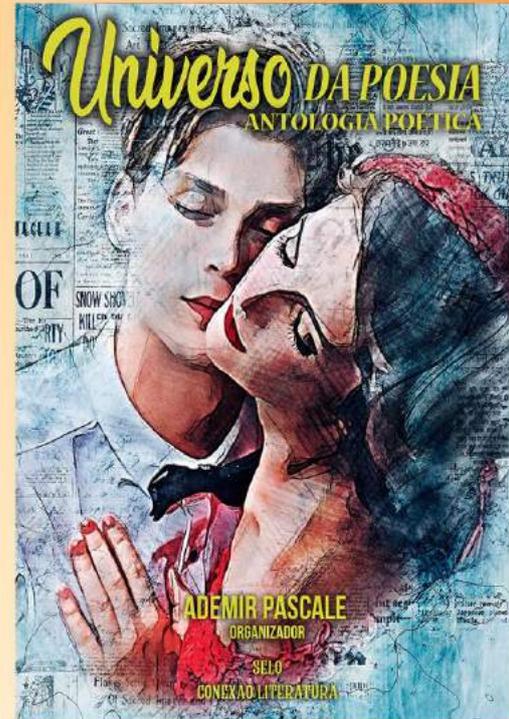
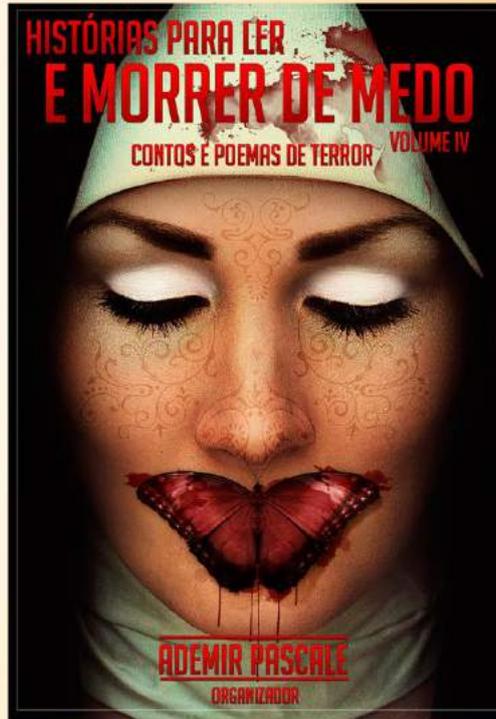
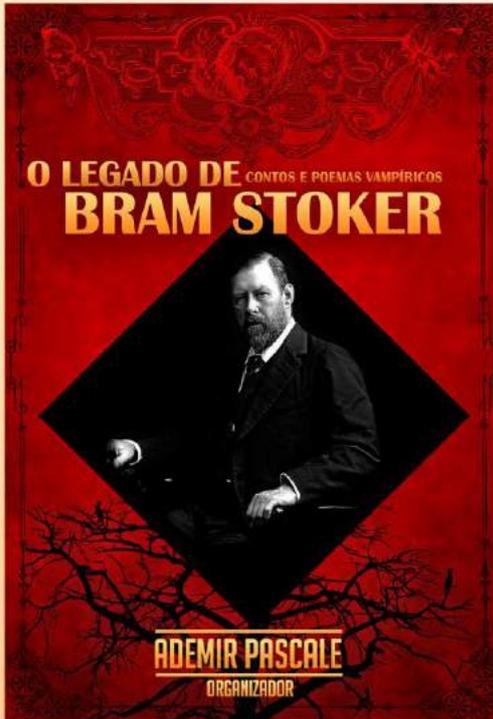


**Mulheres com pensamentos
Além de seu tempo, transformam
Pequenos atos em grandes conquistas
Seja através de poemas
Seja através de cuidar de crianças
São determinadas e com suas
Palavras prendem a atenção
De todas ao seu redor
Em uma canoa vai levando
Seus filhos para aprender a
nadar
Com dedicação e maestria
usa a Cartilha Sodré para
alfabetizar seus três filhos
Sonhos, verdades
Guiam estas grandes
Mulheres do interior
São Elas: Maria Celes Miranda e Dulce do Espírito Santo**

A autora e enfermeira Carolina Miranda do Espírito Santo nasceu em Natal, RN, em 24 de julho de 1981, sendo filha de um geólogo e uma professora de Língua Portuguesa. Sua família mudou-se para Aracaju, onde ela fez as primeiras séries do Ensino Fundamental 1, vindo depois para Salvador. Nesta cidade, estudou nos Colégios ISBA e depois no Colégio Militar de Salvador, onde concluiu o Ensino Médio, prestando exame vestibular para o curso de Enfermagem e sendo aprovada na Universidade Católica do Salvador.

Hoje ela atua como enfermeira da FESF, lotada no Hospital Roberto Santos, local onde desenvolve o projeto "Cantinho da Leitura", objetivando promover o bem estar dos pacientes.

PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



**LEIA OS EDITAIS E ENVIE
O SEU CONTO OU POEMA**

ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



OLYMPE DE GOUGES

OLYMPE DE GOUGES: A MULHER QUE ESCREVEU A DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA MULHER E DA CIDADÃ

Por Cristiane de Mesquita Alves

1. A mulher nasce livre e tem os mesmos direitos do homem. 2. As distinções sociais só podem ser baseadas no interesse comum. 3. O objeto de toda associação política é a conservação dos direitos imprescritíveis da mulher e do homem. 4. Esses direitos são a liberdade, a propriedade, a segurança e, sobretudo, a resistência à opressão. 5. O princípio de toda soberania reside essencialmente na nação, que é a união da mulher e do homem nenhum organismo, nenhum indivíduo, pode exercer autoridade que não provenha expressamente deles. 6. A liberdade e a justiça consistem em restituir tudo aquilo que pertence a outros, assim, o único limite ao exercício dos direitos naturais da mulher, isto é, a perpétua tirania do homem, deve ser reformado pelas leis da natureza e da razão. 7. As leis da natureza e da razão proíbem todas as ações nocivas à sociedade. 8. Tudo aquilo que não é proibido pelas leis sábias e divinas não pode ser impedido e ninguém pode ser constrangido a fazer aquilo que elas não ordenam.[...] (GOUGES, 1791).

Literatura

8 DE MARÇO! 8 artigos da Declaração de Gouges para começar minha escrita literária deste mês que será destinada à OLYMPE DE GOUGES, pseudônimo da escritora e feminista francesa Marie Gouze (1748- 1793). Olympe defendeu em seu tempo os direitos da mulher e a liberdade para as pessoas escravizadas; questionou a Constituição Francesa e a Declaração dos Direitos do homem e do cidadão, que não incluíam as mulheres, e em 1791, escreveu uma Constituição Alternativa, na qual contemplava as mulheres: ***Declaração dos direitos da mulher e da cidadã.***

Olympe conduziu todas as suas atividades confrontando os valores políticos, ideológicos e patriarcais, e não se deixou seduzir pelo slogan ideário propagado no período da Revolução Francesa: “Liberdade, Igualdade e fraternidade”, criado para/pelos homens. Ela escrevia, imprimia e distribuía seus textos o mais rápido que podia, “fervilhando com a sensação de oportunidade de mudança em favor dos sem poder e pela criação de uma nação justa” (SHERMAN, 2013, p. 8). Apesar do cenário desfavorável às mulheres, Olympe escreveu e encenou suas peças, ainda que tenha sofrido a imensa frustração de lidar com sociedades de atores, muitas vezes influenciados por seus patrocinadores conservadores.

Para Sherman (2013, p. 11) “De Gouges reordena o sistema de valores do Antigo Regime: ao mesmo tempo em que compõe habilmente peças, ensaios e cartas, ela atua como consciência e como filósofa moral para o seu tempo e para o nosso.” Como uma mulher de atuação e pensamento muito além dos padrões patriarcais, Olympe sofreu duras críticas em torno de seu comportamento e de sua produção artística, como as do dramaturgo, músico e editor Pierre-Augustin Caron de Beaumarchais (1732- 1799) que foi contemporâneo de Gouges.

Beaumarchais se recusou a apoiá-la como colega dramaturga e “lançou alguns dos epítetos de longa duração que mantiveram suas obras fora do currículo padrão. [...]” Dentre as críticas, calúnias, Olympe foi considerada por ele como uma mulher analfabeta de moral frouxa e saúde mental questionável. Mas, a luta dela para chamar a atenção dele foi prolongada, assim como também Olympe “procurou despertar o interesse de toda a Société des Auteurs Dramatiques (Sociedade dos Dramaturgos) em sua causa, uma vez que todos foram em um momento ou outro maltratados pelo grupo.” (SHERMAN, 2013).

Sherman (2013) defende que a redescoberta de seus escritos revelam Olympe como uma das primeiras feministas, outros pesquisadores preferem vê-la como uma revolucionária republicana. No entanto, todos concordam em uma característica de Olympe: foi uma mulher *humanista* – lutou bravamente a favor dos direitos humanos, sobretudo das mulheres. Isso fica claramente exposto em suas peças e em sua escrita mais famosa: a *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*.

O texto apresenta um preâmbulo:

“Mães, filhas, irmãs, mulheres representantes da nação reivindicam constituir-se em uma assembleia nacional. Considerando que a ignorância, o menosprezo e a ofensa aos direitos da mulher são as únicas causas das desgraças públicas e da corrupção no governo, resolvem expor em uma declaração solene, os direitos naturais, inalienáveis e sagrados da mulher. Assim, que esta declaração possa lembrar sempre, a todos os membros do corpo social seus direitos e seus deveres; que, para gozar de confiança, ao ser comparado com o fim de toda e qualquer instituição política, os atos de poder de homens e de mulheres devem ser inteiramente respeitados; e, que, para serem fundamentadas, doravante, em princípios simples e incontestáveis, as reivindicações das cidadãs devem sempre respeitar a constituição, os bons costumes e o bem estar geral. Em consequência, o sexo que é superior em beleza, como em coragem, em meio aos sofrimentos maternais, reconhece e declara, em presença, e sob os auspícios do Ser Supremo, os seguintes direitos da mulher e da cidadã.” (GOUGES, 1791).

Além de mais dezessete artigos, conclusão e um formulário; essa Declaração de Gouges discute os direitos da mulher, perpassando por questões sexuais e direitos

políticos. Assuntos considerados tabus e inadequados para serem refletidos em uma sociedade patriarcal, ainda mais, partindo-se da reflexão feita por uma mulher. Olympe ignorou tudo isso, e no século 18, foi resistência, tornando-se assim um dos maiores exemplos das lutas feministas de todos os tempos. Para Gouges, citada no estudo de Breen (2019, p. 31) “Se a mulher tem o direito de subir ao cadafalso, ela deve igualmente ter o direito de subir à tribuna.” Entretanto, suas palavras foram repudiadas por aqueles homens da revolução excludente para as mulheres; Gouges foi considerada uma ameaça por propagar de fato o discurso de liberdade, igualdade e fraternidade na prática, e por isso, sua escrita e atrevimento ao questionar o machismo daquela revolução, foi presa e decapitada no cadafalso por seus protestos contra os líderes violentos da Revolução.

Por seus feitos – heroicos, sim! Ela merece estar em nossa memória, estudos, na vida e na luta. Olympe foi uma das mulheres mais representativas da história do feminismo. Casou-se, tornou-se mãe e ficou viúva muito cedo. Compreendia muito bem a opressão e as exigências do patriarcado em relação à condição das mulheres e das demais minorias que não estavam no catálogo do discurso romântico divulgado pelas palavras bonitas da Revolução Francesa. Por sua luta e por nossa luta merece ser lembrada na história das mais de 150 mulheres que marcaram a luta de classes, pelo direito ao voto, contra os abusos sexuais, contra as violências físicas e psicológicas, o direito de fazer uso de próprio corpo e a decisão de viver conforme sua sexualidade (BREEN, 2019).

Essa mulher de/com direitos que tanto Olympe lutou para ser e para deixar como legado para as outras, ficou impresso não apenas em sua Declaração escrita em 1791, mas também em suas peças de teatro como:

- *L'esclave des noirs* (1785)
- *Le marché des noirs* (1790)
- *Le Couvent ou les vœux forcés* (1790)
- *Les Démocrates et les Aristocrates* (1790)
- *Le Temps et la liberté* (1790)

Suas peças de teatro tematizam o tráfico negreiro, o mercado de negros, o confinamento das mulheres em seus lares, os direitos civis que as mulheres deveriam ter, bem como refletem de forma crítica a vida privada que a mulher era obrigada e condicionada a viver na sociedade patriarcal. Sua Literatura é também considerada panfletária, social e filosófica.

Logo, diante dessas breves considerações acerca dessa mulher – uma das tantas revolucionárias – que nos ajudou direta ou indiretamente a conquistar o nosso direito – não somente ao voto, mas também por tantas outras ações, como esta que estou fazendo agora, expondo meu pensamento livremente, é que dedico em meu nome, em nomes de todas as mulheres que acreditam que nascemos para sermos livres e com direitos.

Referências

BREEN, Marta. **Mulheres na luta**: 150 anos em busca de liberdade, igualdade e sororidade. Ilustração de Jenny Jordahl. Trad. Kristin Lie Garrubo. 1ª ed. São Paulo: Seguinte, 2019.

GOUGES, Olympe de. **Declaração dos direitos da mulher e da cidadã**, 1791. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/>. Acesso em: 04 fev. 2021.

SHERMAN, Carol L. **Reading Olympe de Gouges** . New York: Palgrave Macmillan, 2013.



Olympe de Gouges – Imagem divulgação

Cristiane de Mesquita Alves é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos.

Cinza no Céu



**HORROR
FANTASIA
NOSTALGIA
FICÇÃO CIENTÍFICA**

Roberto Schima

CINZA NO CÉU

NOVO LIVRO DE
ROBERTO SCHIMA

SINOPSE:

A EXEMPLO DA MINHA COLETÂNEA ANTERIOR, "SOB AS FOLHAS DO OCASO", "CINZA NO CÉU" REÚNE HISTÓRIAS QUE FORAM PUBLICADAS NA REVISTA DIGITAL "CONEXÃO LITERATURA", EDITADA POR ADEMIR PASCALE. DESTA FEITA, A PARTIR DO Nº 49 DA PUBLICAÇÃO. OS CONTOS AQUI REUNIDOS ABRANGEM FANTASIA, HORROR, FICÇÃO CIENTÍFICA, NOSTALGIA. TAMBÉM INCLUI ALGUMAS CRÔNICAS, POESIAS E MÁXIMAS/REFLEXÕES. SE ESTÃO DISPONÍVEIS NAS VÁRIAS EDIÇÕES DA REVISTA CUJO DOWNLOAD É GRATUITO, MINHA MOTIVAÇÃO PARA O LANÇAMENTO EM LIVRO É IGUALMENTE PELO DESEJO DE NÃO SOMENTE VER AS HISTÓRIAS REUNIDAS EM LIVRO, MAS TAMBÉM PODER MANUSEÁ-LO, FOLHEÁ-LO, GUARDAR NA ESTANTE. ADEMAIS, COMO JÁ ME REFERI CERTA VEZ AO EXEMPLIFICAR A QUESTÃO DO E-BOOK E DO LIVRO FÍSICO, AMBOS SÃO CO MO UMA PESSOA QUERIDA, ENTREMENTES, NO PRIMEIRO CASO A GENTE VÊ ESSA PESSOA PELA INTERNET, ENQUANTO QUE, NO SEGUNDO, PODEMOS ABRAÇÁ-LA. E TOCAR UM LIVRO QUE A GENTE ESCREVEU É COMO ABRAÇAR O PRÓPRIO SONHO. "LIMBOGRAPHIA", "O OLHAR DE HIROSAKI", "SOB AS FOLHAS DO OCASO" E, AGORA, "CINZA NO CÉU" SÃO RETALHOS DE MUNDOS DIVERSOS QUE PREENCHERAM MINHA MENTE, NOS QUAIS MERGULHEI, ME PERDI, ME ACHEI, POR VEZES COM RELUTÂNCIA EM VOLTAR. PARA MIM, ELES EXISTEM DE VERDADE. ESTOU NELES. ESTÃO EM MIM. E SÃO AQUILO QUE DEIXAREI PARA TRÁS.



Para saber mais ou adquirir:

<https://loja.uiclapp.com/titulo/ua2785/> e <https://clubedeautores.com.br/livro/cinza-no-ceu>

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

ANTONY JOSÉ

POR ADEMIR PASCALE



Formado em C-Exp-GEXCEL-PR (Gestão por Excelência) – Turma 002/2012, em C-Exp-TE-PR (Técnica de Ensino) – Turma 003/2013 e C-Exp-TECAD (Técnica de Adestramento) – Turma 002/2014 pelo CIAA (Centro de Instrução Almirante Alexandrino), Penha, RJ.

Formado em Magistério na E.M. Monteiro Lobato, Nova Iguaçu, RJ.

Escritor dos livros de autoajuda *Seja um Empreendedor de Sucesso* e infantojuvenil *As Aventuras do gatinho Bombom*, autor, roteirista, professor e palestrante; participante da antologia poética *Poetize 2015* no concurso nacional *Novos Poetas*.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Antony José: Eu sempre gostei de ler e escrever desde pequeno, talvez por influência de minha mãe que anotava quase tudo o que lia, como frases motivacionais em agendas (que descobri mais tarde) e de meu pai que lia revistas de bolso do *Tex* e outras e fazia caça-palavras. Lembro que iniciei no meio literário quando eu era pequeno e fazia também caça-palavras, escrevia poesias, histórias em quadrinhos etc.

Conexão Literatura: Você está fazendo a campanha para financiamento coletivo para o livro "As Aventuras do gatinho Bombom". Poderia comentar?

Antony José: Alguns pais, professores e outros leitores estão pedindo o meu livro infantojuvenil impresso com ilustrações coloridas, e por esse motivo, resolvi criar um site de financiamento coletivo (vaquinha) que vai ao ar dia 8 de março de 2021 para os meus amigos e conhecidos terem a oportunidade de me ajudarem.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para escrever seu livro?

Antony José: O gatinho Bombom teve origem em meados de 2 de agosto de 2001 no navio da Marinha do Brasil onde eu servia, depois de um acontecimento um tanto quanto inusitado em relação a uns bombons que sumiram me envolvendo e aos meus colegas, mas vou deixar para contar a origem do gatinho Bombom em outro livro. Prefiro deixar os meus leitores com água na boca.



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Antony José: A moral do livro: Não faça com os outros aquilo o que você não gostaria que fizessem com você!

Conexão Literatura: Quem cuidou da capa e ilustrações do livro "As Aventuras do gatinho Bombom"?

Antony José: Estúdio Moacir Torres.

Conexão Literatura: Fale mais sobre a meta que deseja alcançar para publicar "As Aventuras do gatinho Bombom", o que os apoiadores irão receber em troca etc.

Antony José: Pretendo fazer uma impressão com uma tiragem de, pelo menos, 500 exemplares dos livros com letras grandes e ilustrações coloridas para facilitar e incentivar a leitura de seus filhos e alunos, seja criança, adolescente ou jovem, e ajudar também uma entidade filantrópica que ajuda crianças, bem como uma instituição de ensino com uma determinada porcentagem da arrecadação durante a campanha.

Cada doador ganhará uma recompensa, de acordo com o valor de sua doação para presentear a alguma criança ou a outra pessoa, como por exemplo, livro físico com ilustrações coloridas e algumas ilustrações avulsas para colorir, livro digital com ilustrações coloridas, certificado digital de participação com o seu nome e o de seu filho, neto, sobrinho etc e muitos outros brindes.

Eu costumo sempre frisar que ganhar um brinde é muito bom, mas a satisfação de ajudar ao próximo, e principalmente as crianças e os jovens, é uma recompensa que dura para sempre! Você pode doar e compartilhar?

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Antony José: Já tenho pronto um novo episódio da série e estou fazendo um brainstorming (tempestade de ideias) de mais três.

Perguntas rápidas:

Um livro: A Bíblia.

Um (a) autor (a): Deus.

Um ator ou atriz: Bill Bixby

Um filme: O incrível Hulk.

Um dia especial: O dia de meu nascimento.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Antony José: Agradeço a Deus, eternamente, por me dar saúde física e mental e capacidade intelectual para continuar escrevendo e cantando (tenho três álbuns musicais gospel gravados) o que sai do fundo de minha alma. Não poderia deixar de agradecer a Ele também, por ter me dado a minha mãe de presente, ela não se encontra mais em nosso meio, mas me inspira muito, e o meu pai, que me inspira também, e que, apesar de ter sido acometido há alguns anos por um AVC, graças a Deus ainda se encontra em nosso meio. Agradeço também, à minha finada avó materna, que muito me incentivou e ensinou as vogais de nosso alfabeto e ao meu finado avô paterno, que lia para mim a Bíblia quando eu era criança.

Para apoiar a campanha: <https://www.catarse.me/asaventurasdogatinhobombom>

Para saber mais ou assistir ao vídeo:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/2021/02/antony-jose-e-campanha-para.html>



ENTREVISTA COM O ESCRITOR

ARTHUR HAROYAN

POR ADEMIR PASCALE



Nascido na República da Armênia, Arthur Haroyan, fundador do grupo teatral ARCA, é ator, dramaturgo, professor, formado em Artes Dramáticas pela escola Incenna (São Paulo/SP) e bacharel em língua e literatura russa pela Universidade Estadual de Pedagogia da República da Armênia.

Na Armênia, trabalhou como jornalista, tendo cursado no IWPR (Institut for War & Peace Reporting), na sede do Cáucaso, e no teatro Estadual de Drama na República da Armênia. Em Porto Velho (RO), realizou a exposição fotográfica Armênia - 3.000 anos de história e participou do Seminário do Plano Nacional de Cultura. Haroyan teve poesias publicadas na compilação lançada pela Universidade Federal da sua cidade.

É autor e ator da peça 1915, dirigida por Rogério Rizzardi, que entrou em cartaz no teatro Espaço Viga Cênica em 2013/2015, autor e ator da tragicomédia Fora Deste Mundo, dirigida por Kléber Góes, que estreou em 2017 na mostra Fringe, que integrou o Festival Internacional de Teatro de Curitiba. Em São Paulo, a peça entrou em cartaz no Espaço Parlapatões e em seguida, no Teatro Municipal Arthur Azevedo.

Arthur atuou em mais de 25 peças teatrais na Armênia, no Teatro Estadual Hovhannes Abelyan, na sua terra natal, e em diversos espetáculos no Brasil, entre eles: A escolha, Agreste, Malandragem S.A. (baseado na peça Ópera do malandro), Orgulho e Preconceito, 1915 e Fora Deste Mundo, entre outras. Atuou no curta-metragem Um gole de conhaque ou um perfume qualquer, O que vem depois de adeus e Uma chamada perdida. Possui diversos trabalhos na publicidade nacional e internacional e participações em novelas brasileiras. Sua história de vida foi destaque no Programa do Jô em 2013 e 2015.

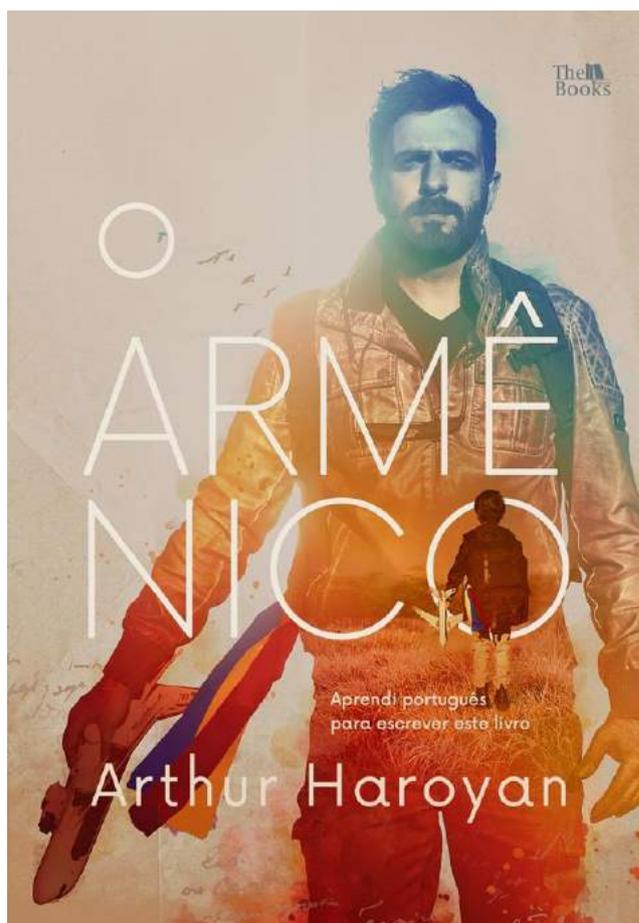
Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Arthur Haroyan: Eu sou ator. Escrevo peças teatrais. Minhas poesias russas já foram publicadas em uma coletânea lançada pela universidade onde me formei, ainda no meu país de nascimento, na Armênia. “O Armênico” é o primeiro trabalho literário sério. Afinal de contas, é uma biografia e, no meu ver, as biografias de algum modo devem servir como exemplo para o leitor.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “O Armênico”. Poderia comentar?

Arthur Haroyan: Este substantivo, na realidade, não existe na língua portuguesa. Em vez de “armênio” fui chamado de tudo, inclusive “armêniano” e “armênico”. As pessoas já me chamavam “armênico” propositalmente. No começo eu corrigia, depois desisti e adorei esse epíteto como definição da minha nacionalidade (risos)



Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua obra?

Arthur Haroyan: falar de mim sempre foi uma tarefa difícil, ainda mais uma biografia. Acho uma baita responsabilidade. Mas a ideia não calava na minha cabeça porque sempre, por causa do meu sotaque, me perguntavam de onde eu era. Eu respondia: “Sou da Armênia”. “Da estação?” - perguntavam em seguida. Com o livro ficará claro que o nome da estação “Armênia” é uma homenagem ao meu país. Escrevi durante três anos. E quando a escrita ficou pronta (ou quase pronta) junto com a minha agente literária, Heloísa Cruz, começamos a procurar a editora que gostaríamos que publicasse o livro. Fechamos um contrato com a editora The Books.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Arthur Haroyan: Em geral o livro pode servir como uma inspiração, principalmente para os emigrantes e os ilegais do país. Como fazer para não ser engolido nessa selva de pedras, realizar sonhos em um solo totalmente desconhecido e se tornar um cidadão digno deste país maravilhoso que é nosso Brasil.

Conexão Literatura: Conte para nós como foi a sua visita ao programa do Jô Soares, na Rede Globo.

Arthur Haroyan: Em 2013 fazíamos uma temporada do primeiro espetáculo do meu grupo teatral ARCA, o “1915” que conta sobre o genocídio armênio. Estávamos na última temporada quando recebi uma ligação da produção do Jô Soares. Disse que já tínhamos concluído a temporada e do outro lado da linha me disseram, tudo bem, Jô está emocionado com a sua história. O programa seria sobre sua vida. Em 2015 os caminhos novamente cruzaram. Novamente estávamos fazendo temporada quando de novo fui convidado para segunda entrevista. Foi hilário. No livro há várias passagens sobre o meu encontro com o Jô.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Arthur Haroyan: O livro já está em pré-venda no site da editora The Books. Vai vender pela Amazon e pelas outras plataformas digitais. 19/03 teremos uma noite de autógrafos na livraria Martins Fontes da Paulista. Teremos livros físicos lá.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Arthur Haroyan: Comecei o meu segundo livro que está conectado com a pandemia, com o isolamento social. Junto com o meu grupo preparamos um espetáculo inédito. Espero que logo os teatros voltem e a cultura será valorizada.

Perguntas rápidas:

Um livro: “O perfume”

Um (a) autor (a): Patrick Süskind e Marina Tsvetaeva

Um ator ou atriz: Mher Mkrtchyan e Nicole Kidman

Um filme: “Dancer in the Dark”

Um dia especial: Quando recebi meu passaporte brasileiro e cantei o hino do Brasil.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Arthur Haroyan: Os direitos autorais do livro serão doados para as famílias armênias atingidas pela guerra de 2020.



ENTREVISTA COM A ESCRITORA

MARINA SOLÉ PAGOT

POR CASA PROJETOS LITERÁRIOS



Marina Solé Pagot, nascida em Bento Gonçalves (RS) no dia 29 de abril de 2002. Atualmente mora na cidade de Carlos Barbosa e este ano inicia o curso de Escrita Criativa na PUCRS. Começou a escrever aos 12 anos seu primeiro livro, “Coração de Obsidiana – Os Três Escolhidos”, o qual foi publicado de forma independente 3 anos depois. O livro faz parte de uma trilogia que, em 2018, teve os outros dois livros publicados: “O Cavaleiro Branco – Os Três Escolhidos” e “Reino de Memórias – Os Três Escolhidos”. Em 2019 foi patrona da Feira do Livro de Carlos Barbosa, ano em que publicou seu quarto livro “Somos Todas as Cores”. Além de patrona, Marina já percorreu a Serra Gaúcha conversando com adolescentes em escolas, bibliotecas e Feiras do Livro sobre seus livros.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Marina Solé Pagot: Eu sempre amei ler e criar histórias, mas foi com 12 anos que comecei a escrever “Coração de Obsidiana”, já tendo em mente toda a ideia para os próximos livros da trilogia “Os Três Escolhidos”. Entretanto, apenas em 2016 consegui publicar o meu primeiro livro devido ao incentivo do cronista Diogo Guerra aqui da minha cidade, Carlos Barbosa. Foi ele quem me incentivou a publicar o livro de forma independente na Feira do Livro da cidade e até hoje eu o considero meu padrinho literário.

Conexão Literatura: Você é a autora da trilogia “Os Três Escolhidos” Poderia comentar sobre a história?

Marina Solé Pagot: A trilogia “Os Três Escolhidos” conta a história de Beatriz, Tomás e Davi, três amigos que, ao caírem pela toca do coelho, chegam ao misterioso reino dos contos de fadas. Ali, eles descobrem ser parte de uma antiga profecia que os encarrega de salvar os habitantes do grande mal que os domina, além de conhecerem personagens como Peter Pan, Chapeuzinho Vermelho e Chapeleiro Maluco, os quais os ajudarão nessa jornada. Conforme os Três Escolhidos vão crescendo, os desafios também se tornam

mais complicados, por isso, eles devem aprender rapidamente a lidar com os problemas da adolescência e com os inimigos mortais que se apresentam continuamente. Em meio a todo caos de tentarem compreender quem são e como podem sair vitoriosos, apenas um recado lhes é dado: Tomem cuidado com as sombras.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua trilogia?

Marina Solé Pagot: A verdade é que minha trilogia veio diretamente do coração – não querendo soar clichê. Portanto, o máximo de pesquisa que tive que fazer para escrever os livros foi relacionada a contos de fadas – os quais eu tenho imenso prazer em ler e reler – e, no terceiro livro, compreender um pouco o funcionamento e a nomenclatura das partes de um barco, mas nada aprofundado.

“Coração de Obsidiana” foi escrito em 6 meses. Após ele, esperei 1 ano para começar “O Cavaleiro Branco”, o qual levou 1 ano para ser escrito. Logo que terminei o segundo livro, comecei “Reino de Memórias” e o acabei em 5 meses. Definitivamente, “Reino de Memórias” foi aquele que estava mais ansiosa para escrever.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Marina Solé Pagot: Em “Coração de Obsidiana” os últimos capítulos narrados pelo Tomás são meus preferidos. Em “O Cavaleiro Branco” tem uma cena da Beatriz com o Peter Pan e alguns Meninos Perdidos na Grande Rosa que gostei muito de escrever. E em “Reino de Memórias” os últimos capítulos da Beatriz foram incríveis e inesquecíveis, pois são o final que eu sonhei desde que comecei o primeiro livro.

Conexão Literatura: E seu último livro, Somo todas as cores? Do que se trata?

Marina Solé Pagot: “Somos Todas as Cores” é uma coletânea de poemas, contos, textos e frases que escrevi dos meus 13 até meus 16 anos. O livro é dividido em quatro temas que se chamam “o eu-centrismo essencial do ser”, “como tornar eterna a essência dos que tu ama”, “quando meu coração nunca de fato pertenceu a mim”, e “universalidade da alma”. Todos eles transmitem ao máximo meus sentimentos mais íntimos em meio à adolescência e ao turbilhão contínuo de pensamentos.

Conexão Literatura: Apesar da pouca idade você não é mais uma autora iniciante. Qual a dica que pode dar a um(a) escritor(a) que está começando agora?



Marina Solé Pagot: Dê sempre o melhor que você pode dar no momento em que você está. Atualmente, eu teria escrito “Coração de Obsidiana” bem diferente de como a Marina de 12 anos escreveu e nem por isso eu o condeno. Gosto de ver minha evolução e adoro reler a minha trilogia.

Outra coisa é sempre correr atrás do seu sonho. É bem clichê, sim, mas é a verdade. Ninguém vai lutar por ele se você mesmo não estiver lutando em primeiro lugar. As coisas não chegam até você, é você quem tem que alcançá-las. Toda possibilidade que se apresenta à sua frente, prudentemente, agarre-a.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir exemplares dos seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Marina Solé Pagot: Meus livros estarão disponíveis no site da Casa Projetos Literários, porém, se quiserem entrar em contato direto comigo podem fazê-lo pelo Instagram (@escritoramarina ou @marinasol29). Ali também encontrarão novidades sobre meus livros e sobre meu trabalho com a CASA.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Marina Solé Pagot: Este ano vou lançar um livro publicado pela Casa Projetos Literários chamado “As Ruínas da Rainha”. O livro faz parte de uma duologia. Além deste, eu estou sempre com ideias: tenho vários textos, poemas e crônicas guardados, mas também tenho outros romances engatilhados.

Perguntas rápidas:

Um livro: “O Navio de Teseu”, Doug Dorst e J.J Abrams

Um (a) autor (a): Carlos Ruiz Zafon

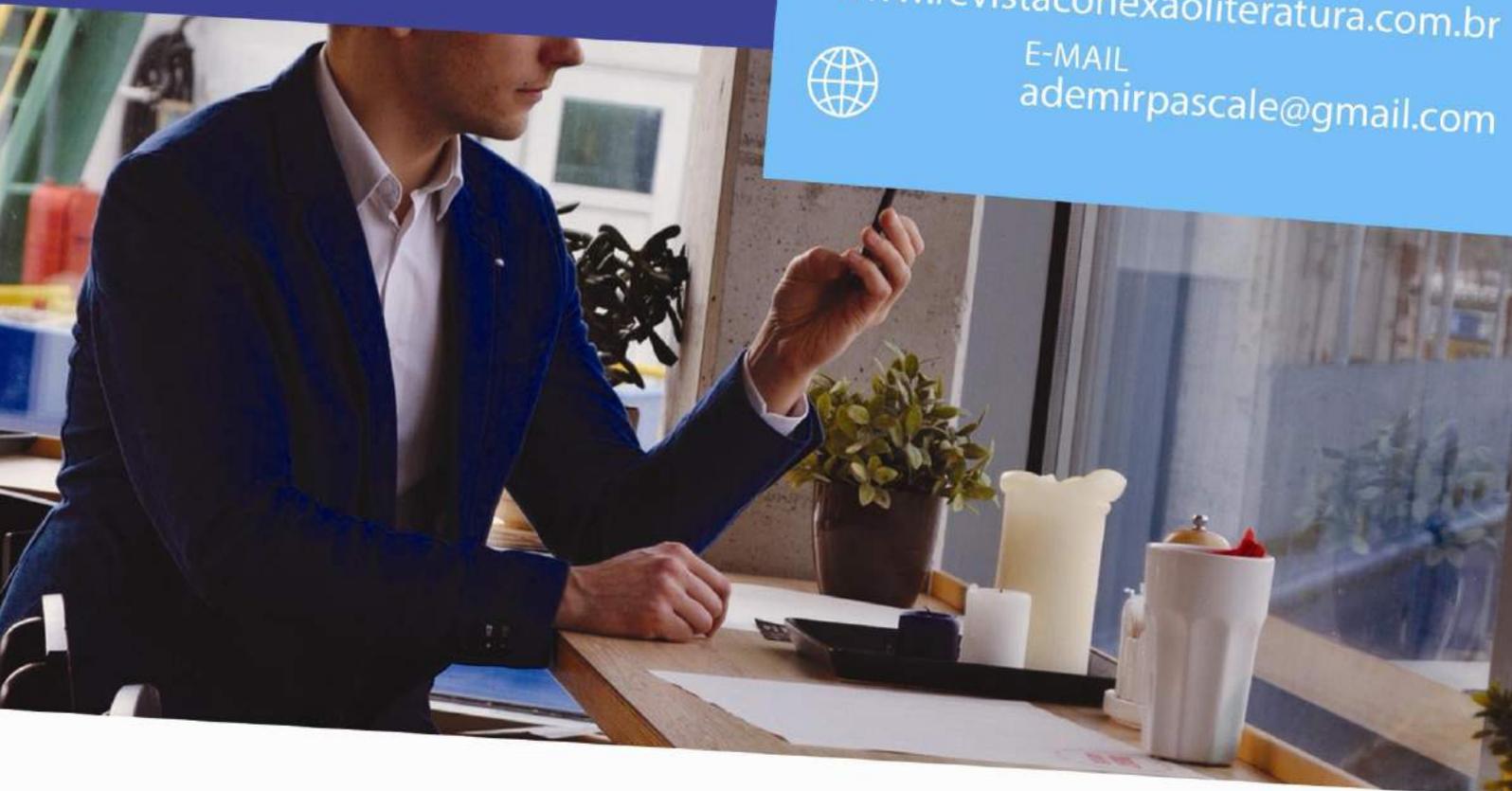
Um ator ou atriz: Margot Robbie

Um filme: Lilo & Stitch

Um dia especial: O dia em que vi meu livro “Coração de Obsidiana” completinho e impresso pela primeira vez

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Marina Solé Pagot: Gostaria de agradecer profundamente pela entrevista. Digo sempre que qualquer coisa que acontece em relação ao meu universo literário é um degrau mais perto do meu sonho de levar a vida como escritora, por isso, muito obrigada.



PACOTE DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

POR APENAS R\$ 100

Somos especialistas em divulgação de
livros e autores.

Conheça o Pacote Divulgação e veja o
custo/benefício

O pacote inclui entrevista com o
autor(a), divulgação nas redes soci-
ais Facebook, Twitter e Instagram e
publicação na revista literária e
digital Conexão Literatura.

BÔNUS: Você ainda ganha a
publicação do
release no site
da revista

SAIBA MAIS, ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

NAICAN ESCOBAR

POR ADEMIR PASCALE



Naican Escobar (2000) é um escritor romancista brasileiro e cruz-altense, autor de livros do seguimento chamado de Young adult – a literatura para adolescentes e jovens adultos. Naican Costa Escobar nasceu em Cruz Alta, no estado do Rio Grande do sul, no dia 30 de maio de 2000.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Naican Escobar: Minhas primeiras experiências com leitura e escrita foram em casa. Aprendi a ler relativamente cedo, aos 6 anos, vendo minha mãe ensinar minha irmã mais velha. Cedo também foi meu contato com a leitura, os livros e a literatura. Minha mãe, e avós, compravam livros diversos. E nós líamos tudo. Sou um Jovem que tem assinatura de revistas e jornais meus amigos me acham muito clássico mas a questão não é ser clássico e sim saborear o lado bom da leitura. Aos dezoito anos já tinha lido muitos clássicos da literatura brasileira e estrangeira. Até meio incompreensíveis para mim. *Memórias do Cárcere*, do Graça; *Culpa das Estrelas*, do John Green; *Memórias Póstumas de Brás Cubas* do Machado de Assis. Aliás, esse último releio de quando em quando, pois sempre acho que não dei conta.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “O Recomeço de Elisa Amyr”. Poderia comentar?

Naican Escobar: O Recomeço de Elisa Amyr é um livro que levanta discussões sobre depressão na adolescência, Elisa é uma jovem de 17 anos que se recupera de uma depressão. Tímida, se esconde em seu próprio mundo depois que sua melhor amiga se suicida. Muda de cidade com a nova proposta de trabalho do seu pai e começa a redigir cartas para a amiga que partiu. É através destes textos que a protagonista se revela para os leitores. A obra, de 2020, é muito mais que uma história em torno do universo adolescente. Há elementos preciosos na narrativa que construí, que trazem à tona discussões pertinentes sobre a depressão e suas consequências. No início dos anos de 2007, acompanhamos – por meio das cartas escritas pela protagonista Elisa Amyr – o bombardeio de emoções, receios e sentimentos que assolam a rotina da menina de 17

anos. É importante falar de saúde mental nos livros principalmente ao público jovem e adulto.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua obra?

Naican Escobar: O livro tem algumas partes em fatos reais. A experiência que tive trabalhando na área da saúde mental fez com que eu conhecesse mais a realidade de alguém com depressão principalmente jovens que atendi como terapeuta psicanalista e também quando atuei em um centro de atenção psicossocial além disso tenho muitos amigos que infelizmente convivem com o mal do “século” a Depressão. Conclui a obra em 4 meses me dedicando quase 100% do tempo a escrever todos os dias.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Naican Escobar: *Todo mundo deveria ser aplaudido pelo menos uma Vez na vida, porque todos nós vencemos o mundo de alguma maneira. Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado e não esquecer que estamos livres para amar, para chorar, ficar triste e felizes sem qualquer obrigação. E está tudo bem ser assim. A única verdade que realmente sei é que, por mais que seja difícil, sempre teremos alguém importante por perto*

Acredito que as possibilidades de recomeço residem nos relacionamentos interpessoais – como naqueles que a Elisa Amyr começa a experimentar na nova etapa de vida, rica em descobertas e novos afetos. “Haverá dias difíceis mais também dias brilhantes”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Naican Escobar: O livro está disponível em Formato E-book e Livro Impresso em diversas Lojas online tais como Amazon, Americanas, Submarino, Mercado livre entre outras e também no site da Editora Flyve para o leitor me encontrar e saber mais um pouco do meu trabalho literário pode me acompanhar no Instagram @naican.escobar e também na página do facebook @autornaicancostaescobar

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Naican Escobar: Sim, o próximo livro conta a história de um menino que aparentemente é rebelde e tem depressão a estória envolve festas alucinantes, amizades, experiências e superações.

Perguntas rápidas:

Um livro: “As vantagens de ser invisível”

Um (a) autor (a): Stephen Chbosky

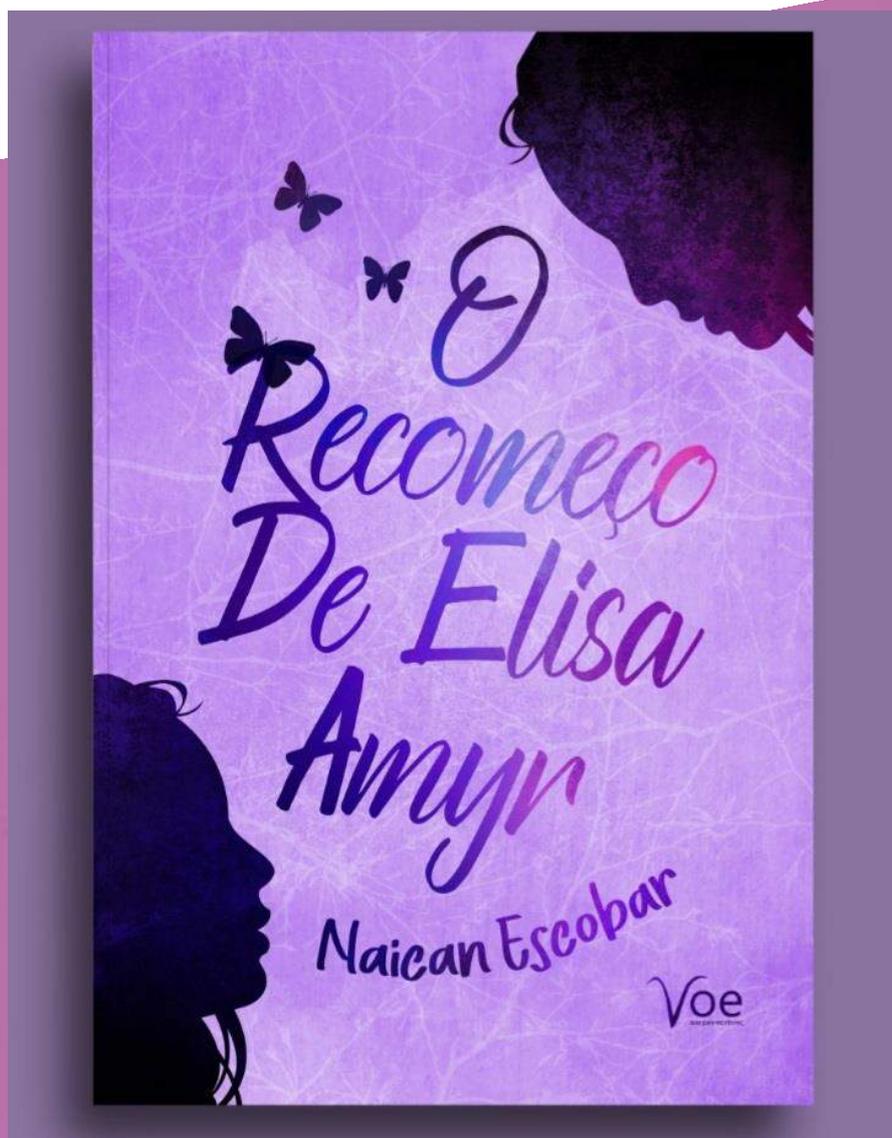
Um ator ou atriz: Daniel Radcliffe

Um filme: Harry Potter

Um dia especial: O Lançamento do livro O Recomeço de Elisa Amyr

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Naican Escobar: Gostaria de encerrar dizendo que é importante discutirmos mais sobre saúde mental até mesmo nos livros, essa temática que tanto é importante para a população mundial, falar de saúde mental é falar de equilíbrio, é conciliar as emoções e sentidos com as experiências vividas, é importante discutir sobre saúde mental também por que ajuda a formar pessoas mais empáticas , preocupadas com o próximo dessa forma esses momentos de leitura auxiliam na conscientização sobre a saúde Mental. Sempre falo “Haverá dias difíceis mais também dias brilhantes”



ENTREVISTA COM A ESCRITORA NATÁLIA GABRIELA BORATTI

POR ADEMIR PASCALE



Nascida em Tijucas, Santa Catarina, no ano de 1986, porém residente em São João Batista, SC, Funcionária pública há 9 anos nessa mesma cidade, bacharela em Administração pela UNISUL e membro desde abril de 2020 da ALBAP Academia Luso Brasileira de Artes e Poesias, acredita que pela poesia pode demonstrar através de versos um mundo mais bonito e paradoxalmente, sua realidade.

Natália, aos 17 anos quando seus pensamentos lindos de uma adolescente sonhadora, voavam como borboletas coloridas que sobrevoavam em lindos jardins, algo aconteceu. É como uma incógnita; a fez seguir para um outro caminho; mas crê que esse foi o que Deus achou melhor para seguir.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Natália Gabriela Boratti: Na verdade gosto de escrever desde muito cedo, principalmente poesias/poemas, tenho facilidade de me expressar através da escrita. Mas digamos que oficializei meu trabalho literário quando entrei na ALBAP, convidada por um amigo também escritor/poeta, que não conheço pessoalmente mas mantenho amizade há muitos anos.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Jardim - O retorno das borboletas”. Poderia comentar?

Natália Gabriela Boratti: Sim...esse livro é um junção de poesias feitas por mim...algumas já feitas há muitos anos, onde as colocava num blog que mais tarde foi tomado pela publicidade e por esse mesmo motivo o perdi, só que havia impresso as poesias e por isso, consegui “resgatá-las”. Então... esse livro tem no total 30 poesias, 51 páginas, poesias já feitas há algum tempo e outras criadas posteriormente, resultados de minhas experiências de vida e observação da vida. São poesias bem gostosas de ler e acredito que vão fazer você ver a vida com outros olhos.

O livro não é grosso, porém diz o ditado: “os melhores perfumes estão nos menores frascos”.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Natália Gabriela Boratti: Na verdade não houve pesquisas, são poesias como falei anteriormente criadas há algum tempo e outras depois, mas que são resultados da minha observação e experiências de vida.

O livro em si foi criado no ano de 2018 no Clube de Autores e foi sendo reeditado aos poucos, até ser finalizado em 2021.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Natália Gabriela Boratti: Eu gostei muito da apresentação do livro, pois revela o porquê do nome do mesmo, que é chamado Jardim O retorno das borboletas, pois acredito que a gente cuidando da plantação da nossa vida... iremos ter mais flores no nosso jardim e conseqüentemente muitas borboletas, que por algum motivo possam estar afastadas...Na verdade, o título é uma metáfora referente a nossa vida, que fala da sementeira e da colheita, como mensagem subliminar.

Essas borboletas vem em forma de bênçãos de Deus como amigos verdadeiros e prosperidade, se no passado, você teve experiências dolorosas, pelas quais achou que tudo estava perdido, hoje você vê que as mesmas lhe fortaleceram e lhe trouxeram muitas lições de vida ensinando o que realmente importa nela! Um trecho da apresentação do livro.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Natália Gabriela Boratti: O leitor pode acessar www.clubedeautores.com.br para obter o livro e acompanhar meu trabalho literário pelo facebook, na ALBAP Academia Luso Brasileira de Artes e Poesias e me seguir no instagram @nataliaboratti, pelo facebook ou entrar em contato pelo email nate.zip@hotmail.com.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Natália Gabriela Boratti: Talvez escrever um novo livro, não de poesias, mas sobre algumas experiências de vida que passei, que me ensinaram muito sobre a vida e me tornaram a pessoa que sou hoje e conseqüentemente, ajudar outras pessoas através do que aprendi com a vida e venho aprendendo.

Perguntas rápidas:

Um livro: Meu livro da Consciência (365 mensagens para nossas escolhas de cada dia) /Tadashi Kadomoto.

Um autor: Augusto Cury.

Um ator ou atriz: Admiro vários, entre eles: Tony Ramos/ Fernanda Montenegro.

Um filme: Como eu era antes de você.

Um dia especial: Com certeza o dia de minha formatura na Universidade, um dos melhores dias da minha vida, pois foi um sonho realizado.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

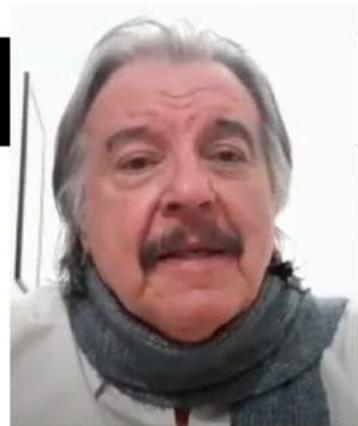
Natália Gabriela Boratti: A vida é cheia de curvas e dificuldades, mas estas nos revelam que precisamos ser fortes para aprendermos com elas e que Deus nunca nos abandona, Desejo que seu jardim seja colorido e cheio de borboletas, pois nascemos para sermos felizes e é isso que nosso criador deseja para nós.

Gratidão.



ENTREVISTA COM O ESCRITOR PAULINHO VERGUEIRO

POR ADEMIR PASCALE



Paulinho Vergueiro, mackenzista, advogado PUCSP, sempre gostou e praticou esportes, principalmente futebol, natação e artes marciais, inclusive boxe, entretanto, nunca esqueceu da música, em especial o Rock n' Roll e MPB.

No final da década de 60, participou de Festivais em São Paulo e tornou-se vencedor, como autor, juntamente com seu companheiro, Paulo Douglas Maione, em disputas de Música Popular Brasileira.

Continuando nos caminhos da vida, entre esporte e música, alguns anos depois fez cursos de Cinema no Studio Fátima Toledo e Artes Cênicas no Teatro Macunaíma.

Bem, há aproximadamente 20 anos, passou a dedicar-se à Literatura, em especial ao estilo humor, cotidiano e social... e também a roteiros de peças teatrais.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Paulinho Vergueiro: Paulinho já escrevia letras de músicas e passou a escrever crônicas, contos e finalmente livros.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “O Penta é do Brasil... Xupiranga quer ser Hexa!”. Poderia comentar?

Paulinho Vergueiro: Sim, Paulinho Vergueiro é autor do livro "O Penta é do Brasil... Xupiranga quer ser Hexa!".

Trata-se de um humor diferente, de ótima qualidade (opinião de leitores) que conta com personagens diversas e muito engraçadas, as quais buscam obter uma vitória no 1º Campeonato Mundial de Municípios, a ser disputado na Ilha Bordumbumbura no Pacífico Sul.

O pessoal da Ilha é bastante hospitaleiro, gentil e adora uma grande bagunça musical e festiva.

Durante a viagem, inúmeras situações originais e engraçadas ocorrem com a turma.

Finalmente, é um livro intenso, dinâmico, que prende a atenção do leitor e ao mesmo tempo o relaxa do estresse diário.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Paulinho Vergueiro: É natural, inclusive, que diversas vezes Paulinho acordou de madrugada, com trechos do livro pronto para ser digitado e foi o que aconteceu.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Paulinho Vergueiro: A visita do pessoal a um fino restaurante em São Paulo e a viagem de avião são hilários, afinal "eles" pouco conheciam sobre etiqueta e boas maneiras.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Paulinho Vergueiro:

<http://www.nelpa.com.br/livro/index/482/o-penta-e-do-brasil-xupiranga-quer-ser-hexa>

Veja o vídeo do autor: https://www.youtube.com/watch?v=KMrfZBURS_I

Baixe agora o ebook de demonstração:

<https://mailchi.mp/ddbc34a08887/xupiranga>

Livrarias onde encontrar:

Amazon: <https://cutt.ly/alDJ9nD>

Resenha do Maranhão e Nordeste, que deixou o autor extremamente feliz e lisonjeado - Utopia RGV Livros e Claquetes - por Guynacária Muniz

Trecho da Crítica literária:

<https://utopialiterariaentreamigas.wordpress.com/2016/03/22/resenha-o-penta-e-do-brasil-xupiranga-quer-ser-hexa-paulinho-vergueiro/>

"Que livro intenso! Os personagens vivem se metendo nas maiores confusões que se possa imaginar, mas o time é guerreiro, apesar de tudo, unido e não decepciona nem seus compatriotas, tampouco os leitores.



Até o momento, eu não tinha lido nenhum livro de humor escrito por um brasileiro com esse nível de qualidade.

Paulinho Vergueiro conseguiu escrever um livro redondo, com uma boa história, linear, onde tudo se completa em seu devido momento, tendo destaque a riqueza na forma em que cada personagem foi construído, as sutilezas de cada um deles, formando um todo perfeito...".

Observação aos leitores: capa antiga na Resenha de Guynacéria... edição atual com nova capa (ilustração Eduardo Borges)...

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Paulinho Vergueiro: Escrever com o coração e a alma, com muita vontade e criatividade.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Paulinho Vergueiro: Sim, um Romance que já está a caminho e "Xupiranga nas Olimpíadas", além da liberação de Peças Teatrais, ao final da Pandemia.

Perguntas rápidas:

Um livro: "A Novela do Curioso Impertinente" de Miguel de Cervantes.

Um ator ou atriz: Giovanna Antonelli, Paolla Oliveira, Jackson Antunes, João Miguel e outros...

Um filme: Série "O Mentalista", "Deus é Brasileiro", "O Auto da Compadecida", "Django", "As duas faces de um crime", "O impostor" e outros...

Um hobby: Gravar pela internet, assistir futebol, novelas, sinuca, poker...

Um dia especial: Teve muitos até hoje, difícil escolher.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Paulinho Vergueiro: Paulinho, agradece aos leitores, especialmente à Revista Conexão Literatura, encabeçada por Ademir Pascale.

Para relax em tempos difíceis, em algumas redes sociais atua em vídeos que faz de maneira caseira, com foco, principalmente no humor, no cotidiano, com a colaboração de sua filha Camila Vergueiro, enfim, acredita que ajudará o pessoal desestressar:

Insta: @paulinho_vergueiro_

Youtube: Paulinho Vergueiro - Zuera *Canal em crescimento, porém para surpresa, no VStatus - atual Kwai - chegando 572k visualizações.

FAÇA JÁ

TODO MÊS O ASSINANTE RECEBERÁ UMA CAIXA CONTENDO
UM LIVRO DE CONTOS E DIVERSOS BRINDES

A SUA

ASSINATURA



CLUBE DO LIVRO

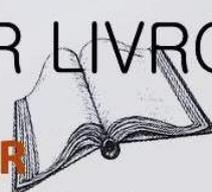
U N I Ã O

PARA QUEM É APAIXONADO POR LIVROS

ACESE O SITE

WWW.CLUBEDOLIVROUNIAO.COM.BR

ACESE A CAMPANHA DO CLUBE DO LIVRO UNIÃO NO CATARSE E CONHEÇA AS
ÓTIMAS RECOMPENSAS



WWW.CATARSE.ME/SALVEM_O_SITE_DE_LIVROS_UNIAO_FAZ_A_FORCA



MENINO

POR ROBERTO SCHIMA

Conto

Amanhecia nos arredores do sítio. A brisa tornara-se mais fresca e cheirava a final de verão. A água do riacho vinha gelada desde a nascente e produzia aquele agradável som gorgolejante. Borboletas e abelhas iniciavam a labuta. A neblina descia o morro rente ao chão e demorava mais tempo para desaparecer no vale, umedecendo os arbustos em gotículas de vidro. O cheiro de terra molhada pairava no ar e era tão agradável de inspirar. A folhagem viçosa e verde das árvores ensaiava trocar suas vestes por tons mais sóbrios e amarelados feito antigas fotografias na parede ou agitados lenços de despedida.

Como o adeus que, uma noite, eu tive de dizer.

Mesmo tendo passado tantos anos, ainda me recordo...

Seu nome era Terezinha.

Ao contrário do crepúsculo das estações, encontrava-se no final de sua primavera, prestes a desabrochar para o verão da adolescência. Seus cabelos castanhos davam contornos ao vento e desciam macios pelos ombros e às costas. Sua tez era aveludada qual um pêssego; e os olhos, grandes e negros como jabuticabas. O prenúncio de seios faziam antever a bela mulher que, um dia, se tornaria. Completaria doze anos em breve, mas apesar de seus sonhos e suas energias, sabia que seria somente mais um dia como tantos outros. Vinha de uma origem bastante humilde. Órfã, vivia com

a avó viúva no sítio. Sua vida dividia-se entre as atividades na roça e as idas à escola. Ela não se importava muito, afinal, crescer junto à natureza era quase tudo o que conhecera e aprendera a amar. Às vezes, porém, a solidão dava-lhe uma fígada e ela se via perguntando sobre o que ansiava. Mas esse sentimento logo passava ao ir estudar. Não gostava de ser humilhada na escola.

— Pé de cascão! Pé de cascão! Pé de cascãooo!

Debochavam dela porque ia até lá descalça. Caminhava um longo tempo pela estrada de chão batido para só calçar os sapatos quando as primeiras casas da cidade surgiam. Sapatos eram artigos de luxo, contudo, pessoalmente, ela os detestava. Vivia de chinelos no sítio.

Ela sentia uma ânsia que vinha do desconhecido de sua alma. Talvez fosse a mocinha prestes a emergir de dentro de si. Talvez fosse a falta de um irmão ou primo para brincar. Talvez fosse algo cujas palavras faltavam.

E, assim, a vida seguia, um dia igual ao outro e outro, até que...

Era sábado e, para alívio da menina, não precisava ir à aula.

Saíra cedo pelas cercanias, a fim de apanhar flores e frutos. Levava um cesto feito de palha de milho que ela própria tecera. Gostava de observar a marcha das formigas, o vôo das libélulas, a atmosfera de mistério pincelada pelo nevoeiro.

Sua avó, Dona Custódia Aparecida de Oliveira, orientava-a conforme podia, mas, verdade fosse dita, não tinha lá muito freio em relação à neta e seu maior temor era pensar no que seria da jovem, caso viesse a morrer antes da hora.

Terezinha apanhava algumas goiabas e mordida uma delas particularmente tenra, quando, de repente, ouviu uns sons esquisitos, uma espécie de choramingo ou gemido no meio do mato. Ficou assustada. A goiaba caiu de sua mão. Sabia de cor todas as advertências da avó: cuidado com as cobras e escorpiões, não se enfie no matagal, não dê atenção a estranhos, fuja ao menor sinal de algo diferente. Porém, melhor apurando os ouvidos, aqueles sons, em vez de ameaça, disseram-lhe outra coisa: dor. Cautelosa, caminhou na direção deles, embrenhando-se no mato, segurando o cesto firme junto ao corpo. Finalmente, entre umas moitas, à sombra de uma árvore e fiapos de bruma, ela viu.

— Meu Deus do céu, o que aconteceu com você?

Os gemidos tornaram-se mais agudos.

A criaturinha agitou-se, temerosa.

Era todo cinzento e felpudo. Assemelhava-se a um filhote de cachorro. Uma das patas dianteiras ficara presa numa armadilha.

Preocupação, surpresa e raiva tomaram conta da menina.

— Quem colocou isso aí?

Correu para ajudar. Teve muito dó do animal. Como podiam existir pessoas tão ruins assim? Bem, não era tão difícil imaginar, levando-se em conta certas colegas suas na sala de aula. Todavia, por estarem invadindo o sítio da vó Custódia era motivo de muita preocupação.

Embora fosse filhote, ele rosnou ante a aproximação de Terezinha. Mas logo a dor tornou a chamar a sua atenção e ganiu desesperado.

Sem se preocupar com a própria segurança, a menina usou de toda a sua força para libertá-lo.

Mostrando-se inteligente, o bichinho olhou para ela e para a armadilha, choramingando baixinho.

"Não é um cão", pensou Terezinha. "É um filhote de lobo. Já vi nos livros. É um lobo."

— Não sabia que existiam lobos na região — falou meio que para si própria e para tentar acalmar o pequeno. — De onde você veio, menino?

O lobo mirou para elas um par de olhos infeliz. Choramingou.

— E seus pais? Onde estão? — Não queria que, de repente, a mãe do lobo surgisse e a atacasse. — E seus irmãos? Diga-lhes que sou boazinha!

Nova lamúria.

Finalmente, com muita dificuldade e fazendo uso de um galho e a força das pernas, Terezinha conseguiu soltar a pata esquerda. Arrebentou a armadilha e atirou-a longe. Ouviu o barulho da água no riacho.

O lobinho estava fraco e machucado demais para fugir. Só ficou ali desamparado e desorientado.

Sem titubear, Terezinha colocou-o no cesto de palha e levou-o para casa.

Ele estava molhado do sereno e bastante gelado,

— Pobrezinho!

Mais distante, o mato alto era agitado por coisas que corriam.

— Vó! Vovó!

A mulher idosa correu para abrir a velha porta de madeira da casa. Podia-se dizer que era a imagem típica de uma avó: vestido de saia longa, avental na cintura, um coque a prender os cabelos grisalhos e os inseparáveis óculos.

— O que foi, Zinha?

— Olha só o que achei no mato.

Dona Custódia, a princípio, relutou em aceitar a presença de um lobo dentro de casa. Um lobo! Uma sombra pousou sobre sua fisionomia e a menina não soube decifrar o significado. O silêncio que caiu formou um muro que impediu-a de fazer perguntas.

A velha conhecia alguns relatos sobre lobos que, em certas noites, andavam sobre duas patas. A mulher de um fazendeiro próximo falara sobre umas mortes pavorosas ocorridas no município vizinho, no sítio de um japonês idoso, um tal de Yamada. Parecia que uma fera pegara todo mundo, contudo, a polícia local ficara mais preocupada em dar fim ao caso do que descobrir o que ocorrera de fato. Às pressas, concluíram que fora um ataque de onça, recomendaram cuidado e arquivaram o caso.

"Onça que nada!"

Engoliu em seco. Contudo, diante do olhar tristonho do filhote de lobo e os gemidos de dor, Dona Custódia meneou a cabeça, afugentou os temores supersticiosos e retirou-o cuidadosamente do cesto.

— Que mal pode haver numa coisinha linda como você?

E embalou-o como se fosse um bebê.

— Mexa-se Zinha! Prepare um pouco de água morna. Vamos tratar dessa ferida.

A menina correu até a cozinha e colocou lenha no fogão. Apanhou uma panela e falou:

— Que nome vamos dar a ele?

— Nome? Nome nenhum, ora essa! — pestanejou Dona Custódia. — Assim que essa ferinha ficar boa irá embora. Com certeza, seu bando está por aí atrás dele.

A neta fez um muxoxo e insistiu:

— Ele virou pra mim quando chamei-o de "menino".

O lobo parou de ganir e ergueu a cabeça, procurando.

— Ora essa! — resmungou a idosa.

— O que foi?

Ela contou.

Terezinha voltou para o quarto.

— Tá vendo, vó? Menino, ei, Menino!

A cauda balançou de um lado a outro feito um metrônomo acelerado.

— Menino... Lá isso é nome, Zinha? Vai ver logo a água!... Xi, credooo!

— O que foi, vó? — repetiu a neta, já de volta à cozinha.

— Vamos ter que dar um banho nele também. Tá cheio de pulga!

Apesar da rabujice, Dona Custódia não quis admitir, mas ela própria começara a gostar do pequeno lobo. Desde que o seu Rex fora picado por uma serpente, nunca se acostumara a não ter outro cão de guarda por companhia. Podia-se esperar qualquer coisa de um ser humano, mas um cão era só afeto. Segundo ela, a melhor pessoa do mundo não se comparava ao pior dos cães. Em vez de mau presságio, poderia ser obra do destino. Talvez não fosse má idéia ficar com o lobinho por algum tempo — se ele quisesse e sua alcatéia permitisse — para afugentar futuros invasores, consoante a neta alertara.

— Menino... — murmurou.

O filhote voltou-se para a idosa.

— Hum... Você é muito esperto, marotinho.

Assim, Menino ficou sendo.

Enquanto isso, em volta da casa, o matagal próximo agitava-se e vultos passavam rapidamente, descrevendo círculos. Em cada vulto, vislumbrava-se um par de olhos de fogo.

Terezinha cuidou do ferimento na pata do Menino da melhor maneira que pôde. Alimentou-o, aconchegou-o no cesto de palha de milho — agora forrado com pano e

convertido em cama —, punha-se a conversar com ele a todo momento como se o fizesse para um irmão que nunca tivera.

— Menino, ei, Menino! — chamava. — Vem me pegar!

O lobinho vinha trôpego para os braços dela.

— Ah, meu amorzinho...

Dona Custódia Aparecida de Oliveira ficou feliz por ouvir rebuliços e risadas novamente. Desde a partida do marido, do filho e da nora em um terrível acidente, o desalento pousara suas asas dentro de casa. Somente a neta dera-lhe forças para continuar. Em dado momento, quis perguntar à esta se escutara algo fora do comum durante a noite, das redondezas. Mudou de idéia. Não queria trazer preocupações ou nuvens negras e estragar o momento. Mas que havia alguma coisa rondando a casa, lá isso havia. Isso lhe trouxe à mente ecos de uma clássica fábula infantil de Charles Perrault. Falava de um lobo, uma menina e sua avó. Não se sentiu nada tranquila, embora conservasse a espingarda do finado...

... Entrementes, a munição não era de prata.

Pouco a pouco, Menino foi se recuperando da ferida e do susto. Bem alimentado, tornara-se uma bolinha de pelo. Mostrava-se curioso sobre tudo dentro da casa: seus cantos, seus odores, suas texturas. Por vezes, até demonstrava brincar de esconde-esconde com a menina. Enfiava-se debaixo da cama dela e lá ficava quietinho na penumbra, enquanto Terezinha o procurava feito uma doida. Outras vezes, abrigava-se dentro do guarda-roupa ou no quarto de vó Custódia. Gostava de aconchegar-se no colo da menina; dormia tão profundamente que até sonhava, remexendo-se todo como se corresse pelos campos.

Terezinha sentia-se feliz como não se lembrava de alguma vez ter sentido.

Então, houve a noite na qual nem mesmo ela pôde ignorar os barulhos que cercavam a casa.

O frio do outono baixara no finzinho de tarde feito uma mortalha e a lua cheia cobria os campos num lençol de prata. As folhagens farfalhavam sob a ação do vento, numa monotonia medonha. O riacho corria no seu som de gargarejo.

Menino, já curado, estava no colo quentinho de Terezinha. Ao ouvir a algazarra lá fora, ergueu a cabeça cinzenta, farejou o ar e emitiu o seu primeiro uivo.

A resposta veio em seguida.

Um coro lamentoso e prolongado fez eco.

As duas mulheres ficaram arrepiadas.

— São eles! — gritou Dona Custódia. — Vieram buscá-lo.

— Não! Ele é nosso... Menino!

As orelhas do filhote de lobo voltaram-se na direção dela, todavia, o focinho e os olhos prosseguiram atentos, vasculhando. Ele também sentia. Ele sabia. Uivou novamente e o coro se repetiu.

Súbito, os ruídos ficaram mais fortes, próximos. Alguma coisa caiu, uma vassoura na varanda. Depois, algo metálico, talvez a bacia de alumínio da beirada do tanque.

As criaturas estavam juntos das paredes de tábuas da casa! E corriam em volta. Agora, era possível escutar as respirações arfantes e os rosnados ameaçadores.

— Vovó!

A idosa foi apanhar a espingarda e atrapalhou-se ao colocar os cartuchos.

Quando começaram a arranhar a porta de madeira, Dona Custódia correu para junto da neta e tomou o filhote das mãos dela.

— Não seja boba. Ele não é nossa propriedade, nunca foi.

Terezinha começou a chorar.

A avó tentou consolá-la, porém o desespero tomara conta de ambas. Não conseguia imaginar um modo de devolver o lobinho para a sua alcatéia, sem que esta invadisse a casa. Gritou:

— Também gosto dele, Zinha, mas Menino é um filho da noite. Ah, venha, venha cá! Despeça-se dele. Rápido! Daqui a pouco eles põe a porta abaixo.

— O que vai fazer?

— Não sei... O que for necessário!

Fosse o que fosse, precisava ser rápido.

A porta estremecia nas dobradiças. Minúsculos fragmentos de tinta desprendiam-se da madeira numa imitação desbotada de neve.

Terezinha abraçou-se a avó e acarinhou o lobinho. Este lambeu as mãos das duas, depois seus rostos e, como se sentisse o pavor de ambas, em vez de uivar novamente, começou a ganir alto, de um modo diferente, nunca ouvido por elas.

Os arranhões e pancadas na porta pararam imediatamente. A seguir, houve um rebuliço de patas correndo, afastando-se da casa e embrenhando-se no matagal.

Menino aconchegou-se ainda mais no colo de Dona Custódia e, para surpresa das duas, adormeceu.

— O que aconteceu? — indagou Terezinha.

— Sei tanto quanto você.

— Vai pôr ele pra fora, vó?

Por ora, o perigo tinha passado e a velha, não obstante suas palavras, percebera o ocorrido. Por mais incrível que fosse, o lobinho *conversara* com seus iguais do lado de fora e fizera-os se acalmar. Agora, cochilava despreocupado e todo inocência.

— Está frio lá fora — falou.

— Isso! — exclamou a neta, correndo para pegar o cesto.

Excepcionalmente, as duas mulheres só foram se levantar quando o Sol já tinha despontado no horizonte. Habitualmente, Dona Custódia acordava, por assim dizer, com as galinhas e, pouco depois, chamava a neta, ainda que estivesse escuro, para juntas tomarem o café e iniciar o dia. A primeira coisa que Terezinha fez foi olhar para o cesto aos pés da cama.

Estava vazio.

— Menino?

Procurou e procurou.

— Menino!

Vasculhou debaixo da cama e no guarda-roupa.

Nada.

Saiu e, descalça no piso frio, pôs-se a olhar em cada cômodo.

— MENINOOOO!

Dona Custódio despertou com os gritos exasperados da neta. Espantou-se diante da claridade através das venezianas. Recordou-se do episódio amedrontador da noite passada e o quanto custara a pegar no sono.

Não encontraram o filhote de lobo em parte alguma até Dona Custódia se dar conta de algo singular: a porta da casa — a mesma que as feras forçaram a entrada — estava destrancada. Engoliu em seco.

— Eu juro por Nossa Senhora que tranquei — afirmou a idosa. — Ainda mais com os bichos lá fora. Como é que...

— Vó!

— Que é, Zinha?

— Veja.

A menina apontava para o chão.

Pegadas.

Os rastros iam do quarto onde Terezinha dormia, seguiam por um corredor, passavam pela sala e dirigiam-se até a porta. A princípio, as pegadas eram pequenas, de animal.

— Menino — balbuciou Dona Custódia.

Porém, já na sala, houve uma transformação. Foram substituídas por... pegadas humanas! Pegadas de criança. Eram pouco maiores do que os pés de Terezinha. Esta compreendeu imediatamente o significado daquilo. Não obstante, seu cérebro recusava-se a aceitar a evidência.

— É impossível!

— Você é jovem demais, Zinha. Por mais coisas que aprenda na escola e nos livros, sendo iluminada pelo conhecimento feito a montanha batida de sol, descobrirá com o tempo que existem neste mundo rincões mais frios, profundos e escuros, onde luz alguma alcança, onde as trevas permanecem à espreita, só esperando para dar o bote. Ontem, tivemos uma amostra.

— Mas ele é tão fofinho!

— Sim, ele é.

— Vou sentir saudades dele.

— Eu também — reconheceu Dona Custódia. — Mas ele tem seu próprio caminho.

O silêncio e a sombra da solidão tornaram a cair sobre o semblante da menina. E ela voltou correndo para o quarto, para que a avó não a visse chorar.

A idosa suspirou. Foi ver o jarro de vidro numa prateleira da cozinha, onde mantinha suas economias para o caso de uma emergência. Depois, avisou a neta que iria até a cidade fazer compras. Andou até um ponto na rodovia e ficou aguardando o ônibus. Ao retornar quase duas horas depois, a neta continuava no quarto, deitada na cama. Dormia tão profundamente que nem despertou quando a porta da casa foi aberta. "Melhor assim", pensou Dona Custódia. Foi pé ante pé até o quarto e colocou sua surpresa na cama.

O filhote de vira-lata andou desajeitadamente na direção de Terezinha e começou a lambê-lo o rosto. Não devia ter mais do que um mês de vida e seu pelo era todo amarelado.

A neta ergueu as pálpebras e, sonada, imaginou que o lobinho havia retornado.

— Menino! — falou, abraçando o filhote.

Contudo, quando se deu conta de que não era o lobinho, franziu a testa, desapontada.

Dona Custódia, prontamente, disse:

— Não, não é o Menino, mas esse aí também precisa de seu carinho. Estava trancado numa jaulinha lotada que mal podia se mexer. Não sei se duraria muito...

— Coitadinho!

Dessa forma, para alívio da velha, Terezinha voltou a sorrir. Haveria alegria naquela casa, risos e latidos, como um dia tivera quando seu marido era vivo e tudo dava a impressão de que iria durar para sempre. Falou:

— Vai chamá-lo de Menino também?

— Não. Menino só teve um. Vou chamar esse aqui de... Tico! Isso, ele tem cara de Tico.

— Por quê, Zinha?

— Ora, vó, ele é tão petitico...

E Tico tornou-se o mascote que Menino não pôde ser. Cresceu — não muito, a bem da verdade —, tomou conta da casa como se sua fosse, correu e brincou por todo o sítio, explorando de tudo um pouco. Arrancou com as patas e os dentes o fantasma da solidão que assombrava o coração de Terezinha. Tornou-se o rei do pedaço. Trouxe luz para o espírito dela.

Apesar das dificuldades, era um lar feliz...

... Até o dia em que eles apareceram.

O tempo cuidara de dar formas proeminentes ao corpo de Terezinha e fazer cumprir a promessa dela tornar-se uma linda mocinha. Também germinara o seu amor pelo pequeno Tico. E este fizera por merecer. As duas mulheres só não podiam esperar dele aquilo que ele não lhes podia dar.

Dona Custódia franziu o cenho e balançou a cabeça.

— Lá vai o tranqueira novamente — falou sem maldade.

Tico choramingava e fugia de uma galinha, metendo-se no matagal.

Terezinha apanhou o balde cheio de água do poço e comentou irônica:

— Esse é o nosso cão de guarda...

Riram.

Sim, Tico era um ótimo para fazer companhia, sempre ativo, brincalhão e carinhoso, todavia, em se tratando de tomar conta de casa, era mais fácil deixar isso a cargo do galo e das galinhas que Dona Custódia começara a criar. Mesmo porque não houvera persuasão que fizesse o mascote dormir fora de casa. Tampouco usara o velho

cesto de palha, cujo cheiro estranhara, mas tinha a sua "cama": um antigo cobertor que Terezinha deixara em seu quarto.

Dessa maneira, não foi surpresa quando, certa noite, ruídos foram ouvidos do lado de fora e Tico, em vez de latir, encolheu-se todo debaixo da cama.

Por um momento, a adolescente relembrou aquelas outras noites, anos atrás, logo que resgatara o Menino. Nunca o esquecera, embora tivesse deixado de pensar nele com frequência. Teria retornado? Seria o seu bando lá fora?

Levantou-se da cama.

Dona Custódia surgiu na soleira e colocou o indicador junto aos lábios, pedindo silêncio. Estava com a antiga espingarda do falecido na outra mão.

Pancadas fortes soaram na porta da entrada.

— Abram!

Não era Menino ou sua alcatéia. Quem seria?

— ABRAM! — insistiram.

A voz era mole, voz de ébrio.

— Não tem ninguém, Tião.

— Tem sim, uma velha e uma garota. Andei vigiando.

A segunda voz não estava tão entorpecida. Era mais rouca e menos amistosa. Foi ela quem acrescentou:

— Nunca me esqueci deste lugar desde que me roubaram a armadilha.

"Armadilha!", pensou Terezinha. "Foram eles os invasores!"

As pancadas seguintes foram mais violentas e, finalmente, arrombaram a porta.

Aquele que estava mais embriagado era atarracado e fedia barbaramente a cachaça. O outro, mais alto e truculento, era o que trazia mais maldade no olhar.

— Cadê a garota? — indagou.

— Saiam daqui! — gritou Dona Custódia, porém, era um clamor inútil.

O vizinho mais próximo estava a alguns quilômetros de distância. Àquela altura da madrugada, certamente estaria ferrado no sono. E os dois marginais não tinham intenção alguma de dar meia-volta.

De mãos trêmulas, a idosa fez mira com a espingarda no peito do homenzarrão e puxou o gatilho.

O grandalhão estacou por um segundo, estarrecido, já vislumbrando as asas da morte. Entretanto, no segundo seguinte, sorriu.

A velha espingarda falhara.

Rapidamente, tomou a arma das mãos da mulher e deu-lhe um possante soco no rosto, fazendo-a bater na parede, tombar de encontro a beirada da mesa e daí para o chão, de onde Dona Custódia Aparecida de Oliveira não mais saiu.

Seguro de si, o homem alto chamado Tião seguiu em frente, acompanhado do bêbado.

— Mocinhaaaa! — chamou. — Está me devendo uma armadilha.

Terezinha, toda trêmula, não sabia o que fazer. Por fim, o pavor deu-lhe forças e ela correu em direção à janela, destrancando-a. Preparou-se para pular, porém, era tarde demais. Sentiu-se agarrada por um braço forte e atirada feito um boneco de volta à cama.

Foi quando Tico, vendo sua "mãe" em perigo, esqueceu-se da própria segurança e covardia. Saiu de sob a cama e mordeu a perna do bandido, rosnando.

Num misto de dor e ódio, o homem gritou:

— Seu porcariazinha!

E deu-lhe um violento pontapé como se fosse uma bola de futebol.

Tico ganiu e foi atirado contra o guarda-roupa, caindo no chão, costelas quebradas.

— Nãããooo! — gritou a adolescente, avançando contra o covarde, mãos crispadas, desejando arrancar-lhe os olhos.

Mas o grandalhão dominou-a com facilidade. Deu-lhe um tapa e Terezinha caiu em meio a ondas de dor que queimou seu rosto como uma chapa de ferro quente.

O homem voltou-se para seu comparsa menor.

— Faça a "limpeza" da casa.

— Certo, Tião — balbuciou o outro, cambaleando de volta à sala.

Então, o assassino de Dona Custódia dirigiu-se a Terezinha:

— Agora, isso vai custar mais caro do que uma armadilha...

Começou a desfivelar o cinto. Suas calças estavam arriadas quando novos ruídos foram ouvidos do matagal, aumentando rapidamente de intensidade.

— O quê?...

A Lua estava alta no céu quando a alcatéia invadiu a casa pela porta da frente e a janela escancarada do quarto de Terezinha. Eram cinco ao todo: dois lobos negros e três cinzentos. Um dos cinzentos pulara através da janela e, de boca escancarada, atacara o marginal, mordendo-lhe uma das faces. O outro lobo que apareceu logo atrás era negro e abocanhou o braço com a espingarda. Tião caiu. Agitando o focinho de um lado a outro, o lobo cinzento arrancou um naco da bochecha, expondo-lhe os dentes. Sangue verteu aos borbotões, afogando os gritos do patife. E as feras continuaram a morder. Dois lobos que entraram pela frente pularam sobre o infeliz embriagado, enquanto este enfiava um radinho à pilha na mochila. De tão entorpecido, mal tomou conhecimento daquilo que o estava matando. Um terceiro lobo cinzento atravessou a janela e postou-se diante de Terezinha que, em estado de choque, encolhera-se num canto formado pela parede e o guarda-roupa, tendo o agonizante Tico em seus braços.

Depois que os dois malfeitores foram abatidos, os lobos arrastaram os corpos mutilados facilmente para fora da casa, deixando enormes trilhas de sangue.

Os pelos eriçados do lobo que ficara em frente à adolescente voltaram ao normal. Fitou Terezinha diretamente nos olhos, soltou um ganido suave e ergueu a pata esquerda. Lá, via-se claramente uma cicatriz.

Ainda aterrorizada pelo ocorrido, mas sentindo o coração pouco a pouco voltar a bater normalmente, ela murmurou:

— Menino?

O lobo agachou-se e engatinhou até ela, lambendo-lhe as mãos conforme costumara fazer.

— Menino! — repetiu, abraçando-o.

Os soluços vieram em seguida como ondas sobre um mar revoltoso. Ela lembrou o quanto amara o lobinho e como cuidara dele. Contudo, não deixou de lastimar o estado de seu querido Tico, cuja vida rapidamente se esvaia.

Foi, então, que algo extraordinário aconteceu.

O lobo cinzento mordiscou a própria pata e, do sangue que começou a pingar, deixou que caísse dentro da boca do cãozinho. Simultaneamente, começou a mudar de forma e a assumir contornos humanos. No final, um rapazola de cabelos pretos, totalmente nu e tímido, estava agachado junto a Terezinha. Mais do que depressa, ele apanhou um lençol e cobriu sua intimidade. Numa voz sumida, disse:

— Não era assim que eu imaginava o nosso reencontro.

Terezinha teve a sensação de ter um milhar de cabeças de gado dentro da cabeça, todos os bois procurando passar simultaneamente por uma porteira estreita sem nenhum deles conseguir, tão espremidos estavam uns contra os outros. Assim eram as perguntas que transbordavam em sua mente, até que a primeira conseguiu sair:

— Minha vó...

O rapaz ficou cabisbaixo. Balançou a cabeça negativamente.

As lágrimas retornaram aos olhos da adolescente.

— Lamento que não tenhamos chegado antes — falou ele, pesaroso. — Eu também amava a vó Custódia. Pelo menos os desgraçados nunca mais farão mal a ninguém. Mas o seu cãozinho acho que dará para salvar.

— O sangue...

— Sim. Ele será mais forte e resistente do que era. Talvez mude sua aparência às vezes e fique maior. Mas jamais se esquecerá de você. Como eu não me esqueci...

Tempo depois, passos foram ouvidos. Um casal adulto, uma jovem e um rapaz surgiram, todos precariamente vestidos.

— Precisamos ir — falou o homem mais velho, dirigindo-se ao Menino.

Terezinha não tirou os olhos da moça. Será que ela...

— É minha irmã — explicou Menino. — E esses são meus pais. Aquele é meu irmão mais velho. Venha conosco, Terezinha.

Ela ficou alarmada.

— Eu? Como? Aqui é tudo o que conheço. A escola...

— Aqui e sozinha terá recordações amargas. Quanto a escola, recordo-me de quando chorava no quarto, comigo deitado no cesto.

"Pé de cascão!", veio a voz do passado. Atualmente, não era diferente, pois sua beleza despertava o ciúme de outras adolescentes. Chamavam-na agora de "Pobretona" ou coisa pior.

Menino prosseguiu:

— Vivemos em um condomínio fechado formado por chácaras. Lá, ninguém quer saber de sua vida porque não querem que saibamos das deles.

— Mas as galinhas...

— Desculpe, menina — disse a mulher, mãe de Menino. — Nós sentimos fome...

— Vamos — insistiu Menino. — Temos nossa criação, horta e pomar. Ficará bem conosco, *peçira*.

Terezinha franziu a testa.

— "Pereira"? Meu sobrenome é Oliveira.

Ele sorriu.

— *Peeira...* Depois eu explico.

Ela deu de ombros.

— Vai precisar me dizer seu verdadeiro nome... Menino.

— Para você, posso ser sempre Menino. Senti saudades do seu carinho.

— Senti sua falta também — concordou ela. — Você era tão pequeno!

— Por dentro ainda sou...

Ele beijou-lhe as mãos e o rosto. Depois, ocultou a vista dela enquanto saíam do quarto e passavam pela cozinha e pela sala.

Terezinha protestou:

— Não posso deixar minha vó assim!

O irmão mais velho de Menino explicou:

— Nós a enterramos.

A porta da entrada foi trancada. Ainda trazia as marcas das garras.

Junto ao túmulo, os adolescentes despediram-se de Dona Custódia Aparecida de Oliveira.

Até Menino chorou, afinal, havia sido o seu coisinha linda, o marotinho.

Dessa forma, Terezinha deixou para trás toda a vida que conhecera. Enxugou as lágrimas e abandonou o sítio à quietude da escuridão. Existiam vozes demais impregnadas naquelas paredes e dentro dela. Precisavam ser caladas ou seria consumida por elas, bem como suas perguntas sobre o passado que, agora, jamais teriam respostas. Falou enigmaticamente:

— É no silêncio da noite que as palavras não ditas soam mais altas.

— O que quer dizer?

— Nada não, Menino, vamos embora.

Sorriu para ele, tocando-lhe os cabelos como costumara a fazer com o lobinho.

Apesar de tudo, ela sabia: finalmente, não estava mais só.

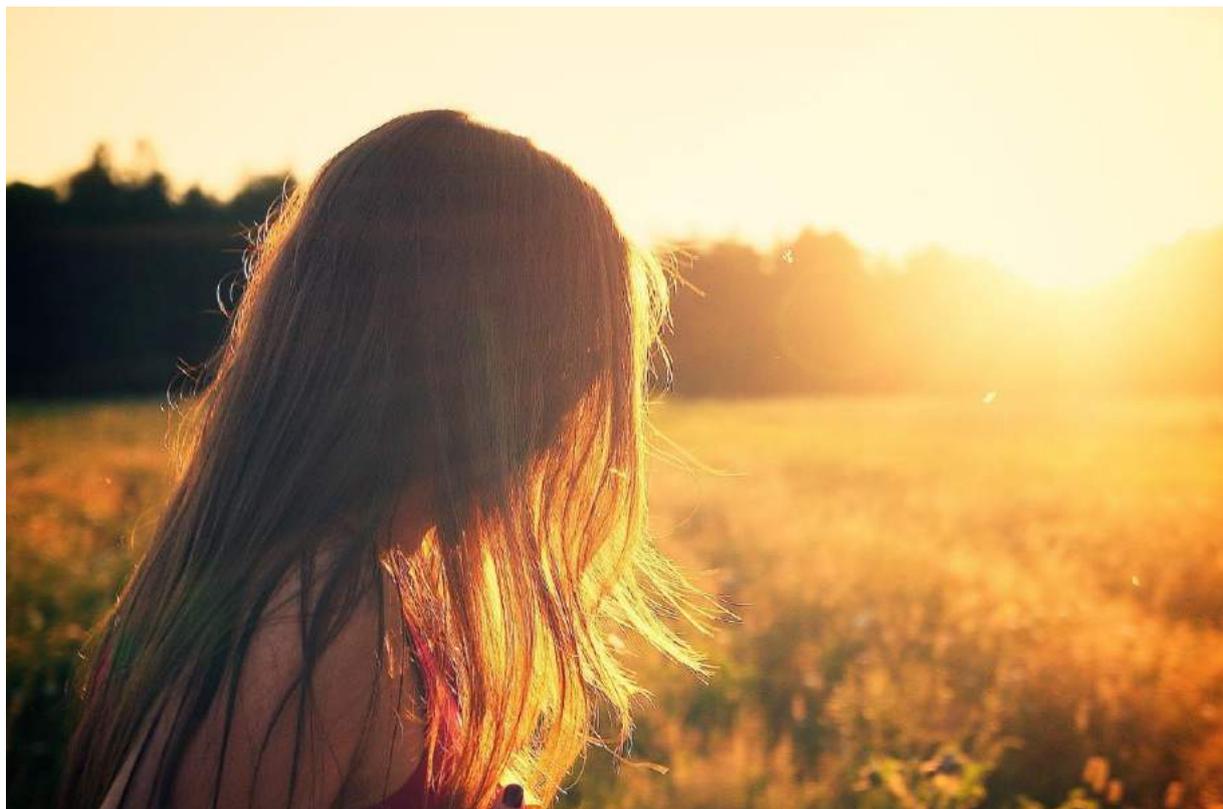
A neblina que vinha do morro rente ao chão demorou muito tempo a desaparecer. Umedeceu as árvores, os arbustos, as moitas e o mato em miríade de pérolas de vidro. O odor de terra molhada estava em toda parte. A folhagem amarelada e quebradiça das árvores desprendeu-se com as rajadas de vento a exemplo de velhas fotografias esquecidas em paredes arruinadas ou agitados lenços de despedida. A água do riacho prosseguiu ano após ano, gelada e límpida desde a nascente, fazendo aquele barulhinho que dava gosto de ouvir. Mas não havia ninguém nos arredores para tal. Cada alvorecer exalou as melancolias de outono. E, por muito tempo, a brisa emitiu suspiros de abandono.

Agora, com a mesma idade de vó Custódia, retorno para o lugar de minha juventude. Fecho os olhos e sou capaz de ouvir o fantasma de sua voz.

Ab, se eu pudesse lhe contar as minhas histórias conforme narrou-me as suas!

Quereria apresentar-lhe meu marido — nosso Menino —, meus filhos e netos.

Em consonância com a brisa e inundada por recordações, diante de sua sepultura e das ruínas de nossa casa, eu suspiro.



Biografia:

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" - não obstante a Guerra Fria - que hoje não existe mais. Ainda criança, colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Lia pelos cantos os pockets da série "Trevo Negro" do legendário R. F. Lucchetti. E apavorei-me com o episódio "O Monstro Invisível", de Jonny Quest. Ah, sim, fui um garoto que amava os monstros. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Fui agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Em 2020 fui um dos vencedores do concurso "Os Três Melhores Contos", também pela "Conexão Literatura", com a história "O Quinto Cavaleiro", publicado em sua edição nº 60. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc. Atualmente, participo de várias antologias, entre as quais: "Aquela Casa" (Verlidelas Editora), "Dossiê Macabro: Táxi" (Editora Diário Macabro), "Epopéias Modernas: Vilões" (Épos Editora), "Dossiê Macabro: Táxi (Editora Diário Macabro), "Insólito" (Porto de Lenha Editora), "Kamishibai" (Dark Books), "Leyendas Mexicanas" (Dark Books), "Lua Negra" (WebTV), "Malignidade" (Editora MWG), "Mundos Fantásticos", vol. 1 (Selo Nebula), "O Amor está nas Nuvens" (Editora Ruppell), "O Espantoso Mundo da Antecipação - Vol. 1" (Elemental Editoração), "Presença Oculta" (EHS Edições) etc. O conto "A Teu Dispor" foi premiado como conto destaque na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse).

Obs: Informações: *Google, Uiclap, Efuturo* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

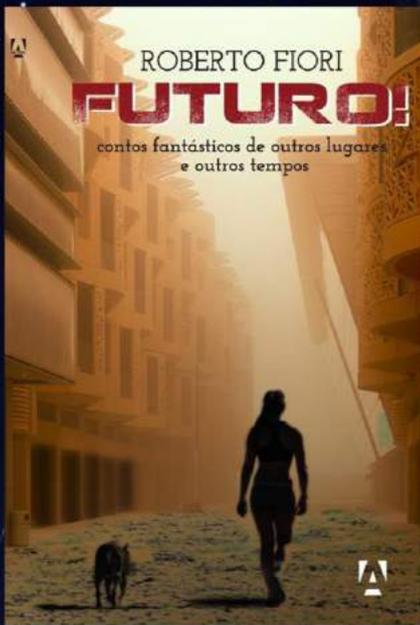
https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

<https://br.pinterest.com/robertoschima/>

Contato: rschima@bol.com.br



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]

A VERDADE

POR LIANA ZILBER VIVEKANANDA

Conto

Adamastor já percorrera vários mundos em busca da Verdade. Ela abandonara o planeta Terra há muito tempo, mais do que qualquer habitante terreno possa se lembrar. Em seu lugar floresceram outras belezas mais fáceis e charmosas, mas que de forma alguma convenciam Adamastor.

Ele buscava a única, em sua simplicidade, tão discreta e tímida que geralmente passava despercebida por todos. Assim, não sentiram sua falta. Prosseguiram em suas vidas repletas de passatempos a tal ponto que deixaram de buscá-la e nem deram por sua ausência. E por que a Verdade partira?

Este era o mistério que incomodava Adamastor. De imensa estatura, com olhos negros como a noite mais profunda, se tornara um viajante estelar para cumprir com sua busca. Longe das primaveras cálidas e coloridas por flores e borboletas, longe dos verões intensos dos trópicos, dos outonos vermelhos e ardentes das regiões temperadas e dos invernos brancos, com os cabelos já começando a branquear nas suas barbas e nas têmporas, ele percorria, incansável, anos-luz em sua nave.

Há quanto tempo? Tanto que já nem se recordava mais. Abandonara seu velho cão pastor e uma cabana no sopé dos Andes, onde podia se elevar para sentir-se mais

próximo do azul profundo. Ignorava o destino de ambos. Acostumara-se a levar apenas a si mesmo e a seus pensamentos, um traje espacial e outro para a superfície; poucos pertences de higiene e nada mais. Alimentava-se do que quer que sustentasse sua vida e não ferisse seus princípios.

Atravessara o hiperespaço várias vezes, tantas que as mais longínquas galáxias já não lhe eram estranhas. Mas nem rastro da Verdade. Ela de fato sumira. Seria possível reencontrá-la?

O viajante suspeitava que o ar terrestre houvesse se tornado por demais rarefeito para sustentar a fragilidade da Verdade. Em vários mundos encontrara seres que se proclamavam deuses e exigiam devoção absoluta. Conseguiram muitas vezes seu intento devido à ausência da Verdade. Povos inteiros se curvavam diante de sua audácia.

Adamastor não era um guerreiro, mas jamais se curvava. Sua presença impunha temor e ninguém ousava obrigá-lo a aceitar seus deuses. Até supunham que ele pudesse ser um inimigo divino.

Mas, pelo seu porte, ele ia e vinha de qualquer local sem que ninguém se atravessasse. A busca dele era de fato a Verdade. Se havia ou não deuses, essa resposta ele não encontrara. Mas certamente não o eram os falsários que encontrava em seus mundos. Apenas buscavam devoção e poder. E eventualmente, a destruição.

Regressando de sua busca, exausto de tanta ausência e solidão, Adamastor desceu sua nave na Lua terrestre. Incapaz ainda de voltar ao convívio dos terráqueos decidira fazer uma escala. E lá, cansado e triste, ele a viu. A Verdade, sentada numa pedra lunar lhe sorria.

O gigante desmoronou numa pedra ao seu lado. Com suavidade a Verdade lhe estendeu as mãozinhas pálidas. A mão dela se perdia na manopla dele. Temendo pela sua fragilidade, ele sequer ousava apertá-la. Sentia apenas um toque frio e suave na sua palma.

— Por que fugiste? – indagou o gigante.

— Não fugi – sussurrou ela com suavidade.

— E por que estás solitária neste mundo sombrio e frio?

— Observo os humanos e suas manobras.

— Não pretendes voltar?

— Não estão prontos. Continuam matando-se em nome de um deus vingador. Não saíram ainda da idade das trevas.

Adamastor reclinou-se sobre si mesmo enquanto as lágrimas lhe corriam pela face.

— Mas sem a Verdade que chance terão?

— Sem que me busquem? – A Verdade inclinou suavemente a cabeça para o lado – Creio que não terão chance alguma. Talvez estejam fadados a se exterminar.

Suspirando, a Verdade fitou o gigante profundamente em suas pupilas imensas e negras.

— Percorri vários mundos. Em muitos deles há seres que se proclamam deuses. O que entendem disso? Apenas se curvam à vontade do mais forte. Por medo e por comodismo.

— Mas diga-me: existe um Deus? Ou deuses? Como pode tamanha desordem dominar o Cosmo? Eu busco a Verdade, a grande Verdade toda a minha vida. Não encontrei resposta.

— Adamastor, você me encontrou.

— E por que continuo sem respostas?

— Porque no seu íntimo mais profundo você as teme.

— Serei tão covarde? Será covardia temer o vazio? O infinito que não compreende? Existe o infinito? – ele cobriu a face e um pranto doloroso o sacudiu.

— Olhe bem, Adamastor. Olhe em meus olhos.

O gigante fitou a Verdade diretamente em suas pupilas ainda mais negras e profundas que as suas. O que viu lá dentro o assombrou. A face da Verdade não era tão branda e suave quanto lembrava. Ao contrário, nuvens sombrias e ameaçadoras turvavam seu rosto que se tornara cinzento e duro. Naquele instante o gigante teve medo. Sem querer desviou o olhar. Ao tentar fitá-la novamente nada mais viu.

— Vá, Adamastor, junte-se aos seus. Você também não está pronto. Talvez nunca esteja. Quem disse que será mais feliz se vir a face da Verdade?

— Não posso viver na mentira e na infelicidade de desconhecer meu destino.

— Seus olhos são incapazes de enxergar a Verdade. As cores que vê são apenas comprimentos de onda. Vê as ondas? Sei que não. Não vê os milhares de bactérias que percorrem sua face nesse instante. Não ouve o ruído do Cosmo, nem sequer o das suas vísceras. Ainda não surgiu a espécie capaz de me fitar de frente. A Verdade não é necessariamente boa nem bela, Adamastor. Aceite sua condição e viva na ignorância; acredite, é melhor.

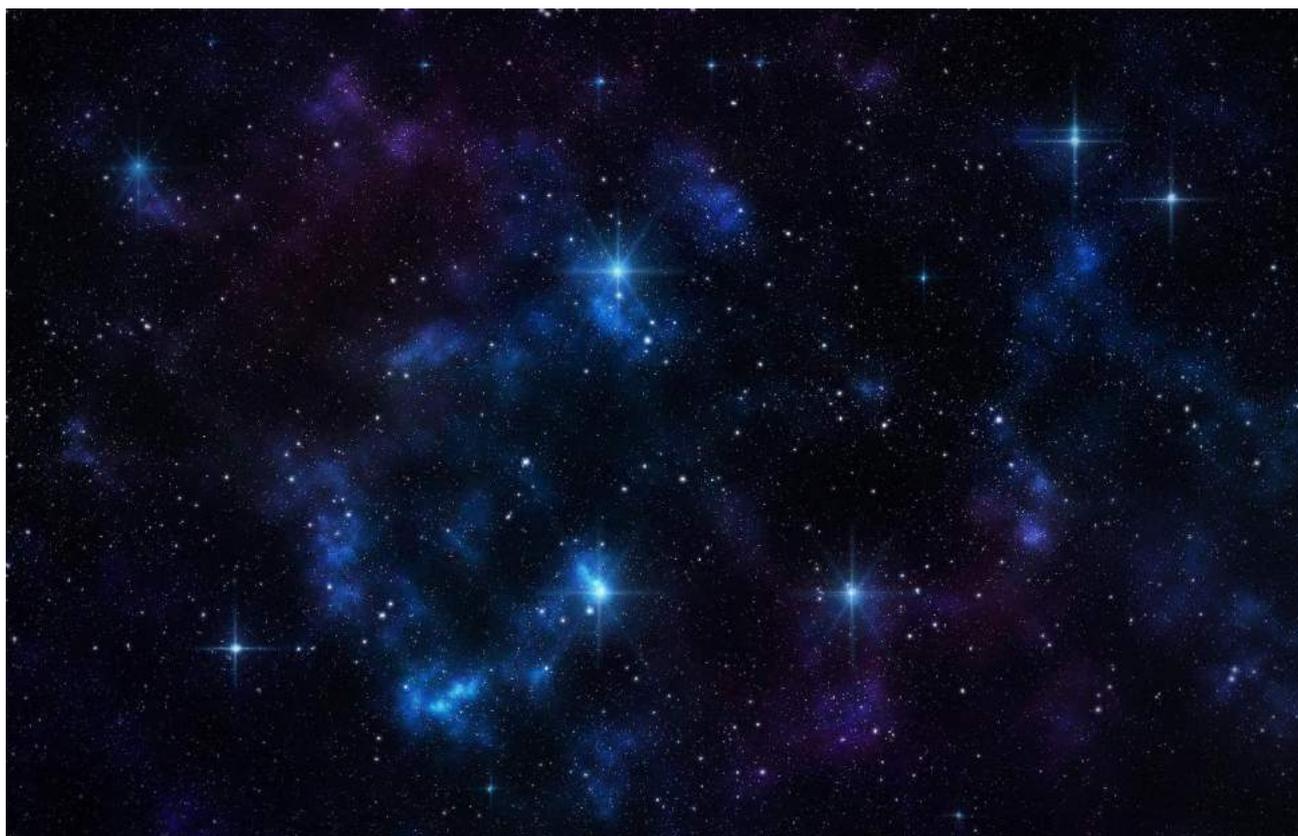
Quando Adamastor tentou agarrar a Verdade pelas mãos ela evaporou e novamente desapareceu. Cabisbaixo ele retornou à sua nave.

A cabana permanecia em pé ao sopé dos Andes. O cão pastor se fora. Mas pela chaminé de pedra uma fumaça de lenha se evolava suavemente em direção ao céu de anil. Uma neve branda cobria os campos e os picos das montanhas.

Sentado numa cadeira com uma fumegante xícara de café, Adamastor, envolto em um poncho de lã, aquecido pelo fraco sol de final de tarde fitava o horizonte pensativo. O sol refletia as cores do arco-íris ao resvalar na neve. O mundo parecia tão calmo e belo. Um jovem com traços indígenas seguia com seu cavalo. Duas ovelhas saltavam por sobre as sebes podadas.

Protegido da Verdade, Adamastor não via apenas cumprimentos de ondas, bactérias e as manchas solares ameaçadoras. O arco-íris era real? Provável que não. Alguém providenciava que nos sentíssemos confortáveis e para isso criava belíssimas ilusões de ótica, auditivas e olfativas. Nossos sentidos nos enganam. Jamais saberemos como somos ou como o mundo é. Seremos mais felizes assim? O incômodo de nos saber enganados nos privará de aceitar essa ilusão com tranquilidade?

Como saber? O fato é que as sombras que Adamastor vislumbrou nas pupilas da Verdade, estas ele não foi capaz de encarar.



A autora é natural de São Paulo, vive atualmente em Curitiba onde passou a participar de diversas antologias sob os selos Nebula e NLCAC. Aprecia a literatura em geral, mas escreve mais o gênero fantástico. Livro solo Um dia sem Calendário.

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

PORQUE
AMAMOS
LIVROS

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.04.2021

PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura